A Vingança de Agamenom

Edição da tradução portuguesa de Anrrique Ayres Victoria

Joana Tinoco Silva

Coordenação de Ângela Correia





Junho de 2008

ÍNDICE

Nota do editor

Nota editorial

Elementos biográficos

Sófocles

Anrrique Ayres Victoria

Francisco Maria Esteves Pereira

Referências bibliográficas

Transcrição

[Capa]

Parecer

[Nota do editor]

Prólogo

A Vingança de Agamenom.

A tragédia «Electra», de Sófocles.

Versão castelhana da «Electra», de

Sófocles.

Origem da Tragédia Portuguesa.

Métrica da tragédia.

Valor literário da tragédia.

Autor.

Representação teatral da tragédia.

História do paleótipo da tragédia.

Descrição do paleótipo.

Abreviaturas.

Particularidades gráficas.

Sinais de pontuação.

Revisão das provas da impressão do

paleótipo.

Palavras raras.

Título da tragédia. Impressão.

Tragédia

[Frontispício]

Prologo.

A morte de Agamenom.

Argumento da presente tragedia.

Interlocutores.

Sena primeira

Sena segunda

Sena terceira

Sena quarta

Sena quinta

Sena sexta

Sena setima

Exortaçam do autor aos lectores.

Variantes do paleótipo

Nota editorial

A presente edição foi elaborada a partir da edição de *A Vingança de Agamenom*. *Tragédia de Anrrique Ayres Victoria*. *Conforme a Impressão de 1555*, preparada por Francisco Maria Esteves Pereira e publicada pela Academia das Sciências de Lisboa, em 1918, na coleção Monumentos da Literatura Dramática Portuguesa.

A obra editada por Esteves Pereira não é um texto original de Anrrique Ayres Victoria, mas uma tradução / adaptação da *Electra* de Sófocles, informação que é parcialmente fornecida no frontispício da obra.

A escolha pela publicação desta edição em suporte electrónico na Internet prendeu-se

com o facto de a tragédia editada por Esteves Pereira ser praticamente desconhecida do grande público. Pretendemos, assim, dar a conhecer uma obra renascentista da literatura portuguesa, pois, apesar de A Vingança de Agamenom ser uma tradução / adaptação de tragédia grega, não lhe uma faltam características distintivas das obras renascentistas. Esta obra constitui, na verdade, um dos primeiros exemplos das traduções humanistas que se fizeram em Portugal, no século XVI.

A nossa escolha foi também influenciada pelo facto de não se encontrar nenhum exemplar, em estabelecimento público, das edições quinhentistas. Acresce que também a edição de Esteves Pereira é de difícil acesso*1.

A presente edição foi preparada a partir do exemplar existente na Biblioteca Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa – Centro de Linguística (cota: Lit. P 36). encontra-se incluído Este numa título é *Literatura* miscelânea, cujo Dramática Portuguesa, a qual inclui, por ordem, as seguintes obras:

 A Vingança de Agamenon. Tragédia de Anrrique Ayres Victoria. Nota de História Literária, editado por F. M. Esteves Pereira,

-

^{*}¹ Além do exemplar que utilizámos, apenas localizámos mais quatro exemplares em bibliotecas públicas portuguesas: dois na Biblioteca da FLUL-OM; outros dois na Biblioteca do Centro Cultural da Fundação Calouste Gulbenkian e um outro na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (informação que apurámos por consulta dos catálogos electrónicos).

Academia das Sciências de Lisboa, 1916, 18 páginas;

- A Vingança de Agamenom. Tragédia de Anrrique Ayres Victoria. Conforme a Impressão de 1555 (aqui editada em suporte electrónico);
- Auto do Fisico. Por Jerónimo Ribeiro.
 Conforme a Impressão de 1587, editado por
 F. M. Esteves Pereira, Academia das
 Sciências de Lisboa, 1918, 76 páginas;
- Auto das Regateiras de Lisboa. Composto por hum frade Loyo filho de hũa dellas, edição de F. M. Esteves Pereira, Academia das Sciências de Lisboa, 1919, 36 páginas;
- Farsa do Alfaiate. De Anrrique da Mota,
 edição de J. Leite de Vasconcellos, Edição da
 Lusitania, 1924, 54 páginas.

A edição de Esteves Pereira aqui transcrita conta 120 páginas, excluindo a encadernação feita num papel de gramagem um pouco superior à do papel utilizado no interior.

A capa encontra-se novamente reproduzida na página três da edição em papel e foi transcrita, tal como se encontra na edição em papel, mais à frente na presente edição.

A contracapa informa o leitor das últimas publicações da Academia das Sciências de Lisboa, que se encontram à venda no depósito da Academia.

O interior do livro encontra-se organizado da seguinte forma: numa primeira parte, Esteves Pereira assina um estudo sobre a tragédia, cuja edição se segue, numa segunda parte; no final da obra, Esteves Pereira apresenta as variantes do paleótipo.

Normas de edição

Ao transcrevermos o estudo e a edição de Esteves Pereira, procurámos reproduzir exactamente o que se encontra no exemplar em papel.

Assim:

- adoptámos para a presente edição um tamanho de página que é semelhante ao das páginas da edição em papel – A5;
- conservámos a justificação do texto (à esquerda e à direita e, por vezes, centrado);
- mantivemos a ortografia do texto, assim como as gralhas que nele se encontram;
- preservámos a pontuação;

- conservámos as minúsculas e maiúsculas,
 assim como utilizámos versaletes, sempre
 que os observámos no livro em papel;
- reproduzimos todas as ocorrências de itálicos e negritos;
- copiámos a capa da edição em papel, assim
 como reproduzimos a imagem aí
 representada;
- as notas de rodapé introduzidas na presente edição estão assinaladas com um asterisco antes da numeração (ex.: *1), de modo a que se possam distinguir das notas de rodapé feitas por Esteves Pereira, em 1918.

No entanto:

- escolhemos um tipo de letra semelhante ao utilizado na edição em papel, mas nem sempre conseguimos reproduzir os caracteres utilizados de forma idêntica;
- não assinalámos as mudanças de página;
- a numeração das páginas da presente edição (feita no canto inferior direito) não coincide com a numeração (feita ao centro da margem superior) de páginas da edição em papel (nem esta foi reproduzida);
- as mudanças de linha não estão assinaladas
 e também não coincidem com as mudanças
 de linha da edição de 1918;
- as variantes registadas em rodapé com correspondência à linha da página em papel (caso do prólogo e outras partes em prosa), foram acolhidas em notas de rodapé relacionadas numericamente com as

variantes do texto editado. Já as variantes aos versos, cuja legibilidade não dependia da paginação em papel, foram mantidas em lista final.

Elaborámos um índice (a edição em papel não dispõe de nenhum) com as hiperligações necessárias à deslocação entre partes do livrónico. A cor azul indica a existência de hiperligações entre o corpo do livrónico e o índice.

A imagem que se encontra reproduzida na capa da presente edição é um fac-símile do frontispício da edição de 1555, que se encontra editado na seguinte obra:

- SANTOS, José dos, *Bibliografia da Literatura Clássica Luso-Brasílica*, Lisboa: Livr. Lusitana, 1916, p. 87.

Elementos Biobibliográficos

Sófocles

Sófocles nasceu em Colono, perto de Atenas, no ano 496 a.C. Proveniente de uma família de industriais atenienses abastados, para além de ter sido tragediógrafo, também desempenhou alguns cargos políticos: foi helenotamia*1, em 443 e 442; estratego na guerra contra Samos, juntamente com Péricles, em 441; e, ao que parece, desempenhou funções durante a revolução oligárquica, em 411.

Enquanto tragediógrafo, Sófocles foi o melhor e o seu sucesso perdurou até à data da sua morte, em 406 a.C. As suas peças deram-

^{*1} Ser helenotamia significa ser membro da administração do tesouro dos aliados.

lhe 24 vezes a vitória nos concursos, mas nunca ficou abaixo do segundo lugar, sempre que concorreu: foi o tragediógrafo mais premiado pelo público de Atenas.

Embora não se saiba ao certo quantas peças escreveu Sófocles, já que a maior parte se perdeu, estima-se que tenha escrito cerca de cento e vinte e três dramas, dos quais chegaram até nós sete tragédias — Antígona (442 a.C.), Electra, Ájax, Rei Édipo, Filoctetes (409 a.C.), Traquínias, Édipo em Colono — e parte de um drama satírico — Os Cães de Caça — que só foi descoberto no século XX.

Anrrique Ayres Victoria

Não se conhecem praticamente nenhuns dados biográficos nem bibliográficos sobre este autor.

Sabemos que nasceu no Porto, porque o próprio nos dá esta informação no início da sua obra. Não sabemos, no entanto, quando nasceu, nem quando morreu. Também se desconhece se Anrrique Ayres Victoria terá escrito, traduzido ou adaptado outras obras além desta.

Francisco Maria Esteves Pereira

Nasceu em Miranda do Douro, a 9 de Agosto de 1854 e faleceu em Lisboa, a 9 de Dezembro de 1924. Cedo abraçou a carreira militar (1875), acabando por se aposentar

como Coronel de Engenharia. No entanto, a vida de Esteves Pereira não se pode resumir à actividade militar.

É enquanto reputado erudito, bibliógrafo e orientalista que a sua actividade mais se destaca. Era perito em hebraico, árabe, etiópico e sânscrito, tendo-se dedicado principalmente aos estudos orientalistas, nos últimos trinta e quatro anos de vida.

Publicou várias obras traduzidas do etiópio, nomeadamente a *História de Minas Además Sagad. Rei de Etiópia* (1888) e a *Crónica de Susenyos. Rei de Etiópia* (1892 - 1900). Devido ao intenso trabalho que desenvolveu para dar a conhecer obras dos grandes da Etiópia recebeu a Estrela de Honra da Etiópia, condecoração militar dada pelo imperador Menelik II, em 1890.

Também dirigiu algumas publicações de história, de carácter antigo, ressuscitando alguns textos valiosos, total ou parcialmente desconhecidos do público, como é o caso da edição que pretendemos agora editar em formato electrónico.

Foi sócio efectivo da Academia das Ciências de Lisboa, desde 1922, mas não só. Também foi sócio do Instituto de Coimbra, assim como da Sociedade de Geografia de Lisboa, e membro da Sociéte Asiatique de Paris, Cavaleiro Oficial da Ordem Militar de S. Bento de Avis e Oficial da Ordem de S. Tiago.

Publicou mais de 70 obras, mas muitas mais terão ficado inéditas. O seu contributo para o conhecimento e engrandecimento da literatura portuguesa é incalculável.

Referências bibliográficas

Sófocles:

PRIETO, Maria Helena Ureña, "Sófocles" in *Dicionário de Literatura Greg*a, Lisboa: Verbo, pp. 398-404.

Francisco M. Esteves Pereira:

LOPES, David, "Um orientalista português: Francisco Maria Esteves Pereira" in *Revista da Faculdade de Letras*, n.º 7 (1940-1941), Lisboa, pp. 121-133.

http://www.dodouropress.pt/index.asp?id edicao=66&idseccao=568&id=3537&action =noticia

http://www.bragancanet.pt/miranda/figurasilustres.htm

ACADEMIA DAS SCIÊNCIAS DE LISBOA

MONUMENTOS

DA

LITERATURA DRAMÁTICA PORTUGUESA

II

A VINGANÇA DE AGAMENOM

TRAGÉDIA DE ANRRIQUE AYRES VICTORIA

Conforme a impressão de **1555**, publicada por ordem da Academia das Sciências de Lisboa POR

Francisco Maria Esteves Pereira



Imprensa Nacional de Lisboa

Parecer

sôbre a publicação da tragédia «A vingança de Agamemnon», de Anrique Aires Victoria, em traslado feito e prefaciado pelo sócio correspondente Sr. Esteves Pereira

A tragédia quinhentista, que o Sr. Esteves Pereira copiou do único exemplar porventura existente e que prefaciou com a sua habitual erudição, é com efeito um monumento literário digno de figurar na colecção já iniciada pela Academia com a nova edição da *Eufrosina*, que se acha no prelo.

De poucos eruditos era conhecida esta obra dramática, que representa uma das primeiras tentativas de versão do teatro grego em línguas modernas. Bastaria êste facto para justificar a sua publicação, como testemunho da contribuição prestada pelo engenho português para o estudo da antiguidade clássica.

É certo que o sôpro viril de Sófocles passa diluído e debilitado nesta paráfrase do nosso quinhentista. Apontaremos apenas como exemplo a scena do reconhecimento de Orestes por Electra, em que o adaptador português, seguindo provávelmente o modêlo castelhano de Hernan Perez de Oliva, alonga por um sem número de incolores redondilhas as fortes e incisivas frases dos dois irmãos:

- ¿Dar-se-há caso que êle viva? pregunta Electra no cúmulo do alvorôço.
- Sim, visto que eu respiro! responde simplesmente Orestes.

Mas não é preciso multiplicar os exemplos. Basta acentuar a falta de vivacidade trágica no diálogo. Cortado e rápido, êle é a sublime característica do original grego.

Seja porêm como fôr, não há dúvida de que a obra de Aires Vitória é um elemento valioso para o estudo das letras portuguesas no século XVI, e que constitui para o crítico, para o historiador e para o filólogo, um depoimento digno de atenção desvelada.

Por todos estes motivos, a Segunda Classe deve congratular-se com o nosso ilustre consócio Sr. Esteves Pereira pelo importante trabalho com que vem acrescer o tesouro da literatura nacional, e julgamos que deve encorporá-lo na colecção, recentemente projectada, dos «Monumentos da literatura dramática portuguesa no século XVI».

Sala das sessões da Academia das Sciências de Lisboa, 22 de Novembro de 1917.

F. Teixeira de Queiroz.

David Lopes.

Henrique Lopes de Mendonça, relator.

"Nota do Editor"*1

Pela impressão da tragédia A Vingança de é restituída à literatura Agamenom portuguesa uma obra composta na primeira metade do século XVI, conhecida quási sómente de nome, e que apesar do seu grande merecimento tem estado sequestrada há mais de três séculos, não intencionalmente pelos sucessivos possuidores do único exemplar existente, mas pelo descuido e esquecimento dos eruditos. Esta restituição é devida à liberalidade e benevolência do Sr. Conde de Samodães para a

-

^{*1} Título introduzido pelo editor.

Academia das Sciências de Lisboa, a cuja solicitação concedeu, da melhor vontade, permissão para se fazer a cópia fotográfica que serviu para esta impressão. Por isso o Sr. Conde de Samodães é credor do reconhecimento e gratidão dos cultores da literatura portuguesa.

E eu cumpro aqui o grato dever de tornar público o meu reconhecimento ao venerando titular e ilustre escritor, o Sr. Conde de Samodães, pelo singular favor, que me concedeu, de divulgar uma das mais preciosas jóias da sua riquíssima livraria.

Lisboa, 28 de Junho de 1917.

Francisco Maria Esleves Pereira.

PRÓLOGO

Os bibliógrafos e historiadores da literatura pátria dão notícia de que no século XVI foram compostas em língua portuguesa diversas tragédias, das quais restam sómente duas e um fragmento doutra¹; essas tragédias são: a *Cleopatra*, do Dr. Francisco de Sá de Miranda (1485-1558), composta pelos anos de 1552²; a *Castro*, do Dr. António Ferreira (1526-1569), composta pelos anos de 1557³; e *A Vingança de Agamenom*, de Anrriques Ayres Victoria, concluída em 1536⁴. Da *Cleopatra*, do Dr. Francisco de Sá de

¹ Geschichte der Portugiesischen Litteratur, von Carolina Michaëlis de Vasconcellos und Teófilo Braga, no Grundriss der Romanischen Philologie, von G. Gröber, Strassburg, 1897, II. Band, 2. Ab., pp. 311 e 312; Teófilo Braga, História da Literatura Portuguesa, tomo II, Pôrto, 1914, p. 370 sgs.

² Teófilo Braga, *História da Literatura Portuguesa*, II, p. 375.

³ Idem, *ibid.*, 376; a *Castro*, de António Ferreira, ed. de Mendes dos Remedios, Coimbra, 1915, pp. XVII e XX.

⁴ Veja-se adiante p. 8.

Miranda, existe sómente uma estância formada por duas sextilhas¹; a *Castro*, do Dr. António Ferreira, foi impressa pela primeira vez em 1587, e melhorada na edição de 1598; *A Vingança de Agamenom* foi impressa pela primeira vez entre 1536 e 1555, mas é conhecida sómente pela segunda impressão, feita em 1555.

A VINGANÇA DE AGAMENOM. – A tragédia Vingança de Agamenom, de Anrrique Ayres Victoria, não é uma composição original dêste autor; no título da segunda impressão diz-se que o seu argumento é de Sófocles, poeta grego, e que ela foi tirada agora novamente (recentemente) do grego em linguagem; e na segunda das estâncias, que

-

¹ D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, *Novos estudos sôbre Sá de Miranda*, no *Boletim da Segunda Classe*, vol. V, pp. 47 e 137.

se seguem à exortação do autor, diz-se que a tragédia foi acabada de traduzir em nossa linguagem em 15 de Março de 1536, na cidade do Pôrto, por Anrrique Ayres Victoria.

Da primeira impressão da tragédia não há outra notícia senão a que resulta da seguinte indicação dada no título da segunda impressão: «agora segunda vez impressa e emendada e anhadida pelo mesmo autor». Desta notícia conclui-se, que a primeira impressão foi feita entre o ano de 1536, em que foi concluída a tradução, e o de 1555, em que foi feita a segunda impressão.

A segunda impressão, como se declara na subscrição, foi feita em Lisboa, por Germão Galhardo, e terminada em 6 de Novembro de 1555.

Resumindo e coordenando estas notícias, resulta:

- 1.º Antes do ano de 1536 a tragédia de Sófocles, cujo nome não é dado, havia sido tirada (traduzida) do grego em linguagem.
- 2.º Anrrique Ayres Victoria trovou (pôs em verso) a mesma tragédia, acabando de a trasladar em nossa linguagem a 15 de Março de 1536.
- 3.º Da tragédia de Anrrique Ayres Victoria fez-se uma primeira impressão em lugar e ano desconhecidos, mas entre 1536 e 1555.
- 4.º O mesmo Anrrique Ayres Victoria emendou e acrescentou a tragédia, e assim revista foi impressa em Lisboa por Germão Galhardo, tendo terminado a impressão em 6 de Novembro de 1555.

A TRAGÉDIA «ELECTRA», DE SÓFOCLES. –

Sófocles¹, que nasceu entre os anos de 497 e 495 e faleceu em 405 a.C., foi um dos mais insignes poetas gregos; compôs diversas tragédias, das quais restam sete, e entre elas é muito notável a que tem por título *Electra*. O assunto desta tragédia é tomado das tradições relativas ao regresso dos guerreiros gregos depois da destruição da cidade de Tróia. Agamenon, o vitorioso chefe dos Gregos, regressa a Argos, e aí é assassinado por Egisto e Clitemnestra. Electra salva Orestes, que era ainda criança, e o faz educar secretamente para vingar seu pai. Orestes, chegado à idade viril, vinga a morte de seu matando Egisto, que pai, havia assassinado, e se apoderara do trono de

.

¹ Cf. Croiset, *Histoire de la Litérature Grecque*, Paris, 1890, tomo III, pp. 224-282, especialmente p. 238.

Micenas, e a sua mãe Clitemnestra, adúltera cúmplice do mesmo crime. Os personagens da tragédia são: protagonista, Electra; deuteragonistas: Orestes, Crisótemis e Clitemnestra; tritagonistas: o pedagogo (aio), e Egisto; côro: donzelas de Micenas.

Sófocles, pôsto que nesta tragédia trate do mesmo assunto que Ésquilo nos Coéforos, mostra-se inteiramente original. A pessoa de Electra domina toda a tragédia, e atrai sôbre si a atenção pelo seu ódio implacável contra o matador de seu pai, pela ardente vivacidade lembranças, pelo profundo das suas sentimento do dever, e pela sua energia quási viril, sem ser destituída da ternura feminina. Ao lado dela está sua irmã Crisótemis, que é caracterizada pela sua bondade, quási resignação, em se submeter às desgraças que oprimem sua família. O artifício, a

empregado para iludir os autores da morte de Agamenon, acêrca da morte de Orestes, consistindo em fazer anunciar pelo aio a morte de Orestes, e em apresentar uma urna com as cinzas dos seus restos mortais, trazida pelo próprio Orestes e seu amigo Pílades, revela viva imaginação. O reconhecimento que Electra faz de seu irmão Orestes¹, diferido dum modo engenhoso para o termo da tragédia, manifesta-se de improviso, e de maneira muito surpreendente e comovedora, quando o sofrimento moral de Electra tem atingido o maior auge com a falsa notícia da morte de seu irmão Orestes. O êxito

-

¹ Electra reconheceu seu irmão Orestes, quando êste lhe mostrou o *anel*, *sphragida* (*Electra*, v. 1223), que havia sido de seu pai, e que ela mesma lhe tinha dado. No drama indiano, a *Xakuntalá*, composto em sânscrito por Kalidasa (entre o IV e VII século de J.C.), Xakuntalá é reconhecida pelo rei Duxyanta, seu marido, que a havia repudiado, por um *anel*, *mudrâ* (diminutivo *mudrikâ*), que êle lhe tinha dado. Tanto a palavra *sphragida* como *mudrâ* significam própriamente *sinete* ou *anel com sinete*.

(catástrofe) da tragédia é inteiramente conforme às regras da arte dramática estabelecidas por Aristóteles e Horácio: a morte de Clitemnestra é fora da scena, ouvindo-se sómente primeiro as suas lamentações e depois as suas imprecações; a morte de Egisto é apenas anunciada, como devendo ser feita no mesmo lugar, em que Agamenon havia sido assassinado. Emfim toda a acção da tragédia passa-se em poucas horas dum mesmo dia.

VERSÃO CASTELHANA DA «ELECTRA», DE SÓFOCLES. — No título da tragédia A Vingança de Agamenom, de Anrrique Ayres Victoria, não é dado o título da tragédia de Sófocles de que aquela provêm; mas pela comparação dos personagens, e do desenvolvimento das scenas, é fácil de

reconhecer, que o argumento da tragédia de Anrrique Ayres Victoria é o mesmo que o da tragédia de Sófocles, denominada *Electra*¹; contudo entre elas observam-se diferenças consideráveis nos discursos dos personagens, o que faz suspeitar que a tragédia portuguesa não provêm directamente da tragédia grega, mas que entre elas houve uma forma intermédia.

Entre os escritores castelhanos do século XVI foi notável pela sua erudição o maestro Hernan Perez de Oliva, nascido em Córdova pelos anos de 1494, e falecido em 1533. Êste escritor, distinto humanista, traduziu na língua castelhana, em prosa elegante, diversas tragédias e comédias de escritores gregos e latinos, e entre elas uma, cuja

-

¹ A Vingança de Agamenom é o assunto da tragédia, intitulada *Electra*, composta em versos hendecassílabos por Francisco Dias Gomes (1745-1795), publicada em Lisboa, 1798 e1799.

primeira impressão¹, feita em Burgos em 1528, tem por título na página de rosto: *La* Vengança de Agamenon. Tragedia que hizo Hernan Perez de Oliva, maestro, cuyo argumento es de Sophocles poeta griego. Año 1528. Na página verso da primeira fôlha está impresso um parágrafo com o título La muerte de Agamenon. Os personagens da tragédia são: Orestes, filho de Agamenon; Cilénio, aio de Orestes; Pílades, amigo de Electra, Orestes: irmã de Orestes: Crisótemis, irmã de Orestes; Clitemnestra,

-

¹ Catálogo de la Biblioteca de Salvá, tomo I, Valencia, 1872, p. 510, s.v. Sófocles, n.º 1:416. Esta tragédia foi reimpressa diversas vezes, e entre outras nas seguintes obras: Las obras del Maestro Fernan Perez de Oliva, Córdova 1586; Parnaso español, coleción de poesias escogidas de los mas célebres poetas castellanos, por D. Juan José Sedano, Madrid, 1768-1782, nove tomos; Las Obras del maestro Fernan Perez de Oliva, Madrid, 1787, dois tomos. Nós não pudemos obter, nem examinar, nenhuma das obras em que foi reimpressa a tragédia castelhana; e sómente obtivemos cópia manuscrita da primeira scena da tragédia por favor do Sr. Afonso de Dornelas.

viúva de Agamenon; Fedra, dama de Electra; Egisto, intruso rei de Micenas.

a primeira Comparando scena. provávelmente as restantes, da tragédia de Hernan Perez de Oliva com a parte correspondente da Electra de Sófocles, reconhece-se que o escritor castelhano não traduziu verbalmente a tragédia grega; mas, conservando disposição geral desta, a modificou-a em conformidade com as ideias, costumes e gôsto do seu tempo, e como se a acção se tivesse passado na primeira metade do século XVI na côrte do rei dum dos estados da Europa culta. O côro das donzelas de Micenas foi substituído por uma dama (aia) de Electra; os discursos dos interlocutores uns foram abreviados, outros suprimidos, e a outros ajuntou diversos desenvolvimentos literários e indicações históricas, que lhe pareceram necessários para melhor compreensão do pensamento do trágico grego; e em geral deu aos discursos uma feição moderna, com o fim de provar que a prosa castelhana era susceptivel de exprimir os mais nobres sentimentos e as mais vivas emoções, e enfim para mostrar a sua grande erudição e os próprios recursos literários. É ainda para notar que Hernan Perez de Oliva parece esquecer-se por vezes que os personagens da tragédia eram pagãos, e os faz falar de Deus como se fôssem cristãos.

ORIGEM DA TRAGÉDIA PORTUGUESA. – No título da tragédia *A Vingança de Agamenom*, de Anrrique Ayres Victória, não se diz a linguagem para a qual a tragédia de Sófocles foi tirada do grego; mas a expressão «tirada em linguagem» era geralmente usada,

quando se tratava de traduções feitas do grego ou do latim para as línguas modernas ou romances. Tambêm na segunda das estâncias que se seguem à exortação do autor não se diz de que obra foi traduzida em nossa linguagem a tragédia portuguesa. Por isso é lícito fazer uma conjectura¹.

Comparando a tragédia A Vingança de Agamenom, de Anrrique Ayres Victória, com a tragédia La Vengança de Agamenon, de Hernan Perez de Oliva, observa-se que os títulos são iguais; os personagens são os pequenas diferenças mesmos com explicáveis fácilmente; ambas tragédias são precedidas dum parágrafo em que se refere a sucedeu de maneira como a morte Agamenon; há completa conformidade no

.

¹ Cf. A *Castro* de António Ferreira, ed. de Mendes dos Remédios, Coimbra, 1915, pp. XII-XIV.

das scenas, na disposição sequência das falas dos personagens; e as ideas expressas nas falas dos personagens são as mesmas salvo pequenas diferenças; por estas razões conjecturamos¹ que a tragédia portuguesa era a tradução da castelhana; mas o escritor português, que muitas vezes traduziu verbalmente a tragédia castelhana, empregando até as mesmas palavras, quando eram iguais nas duas línguas, reduziu-a a verso (trovou-a), e por isso introduziu diversos desenvolvimentos literários, evidentemente com o fim de satisfazer às exigências da metrificação e da rima, e à disposição dos versos em quintilhas.

¹ Boletim da Segunda Classe da Academia das Sciências de Lisboa, vol. X, Lisboa, 1916, p. 13 (do extracto).

A conjectura que fizemos é confirmada de certo modo não só pela inserção, na quintilha 124, do provérbio castelhano:

Liuiano es el dolor, que de fora no paresce:

mas tambêm pelas palavras *abominable* (44, 2), *algo* (103, 3), *baldon* (294, 3), *entonces* (344, 1), *honor* (139, 3), *inefable* (44,5), *terrible* (17, 5), que por ventura são vestígios da tragédia castelhana conservados pelo escritor português.

MÉTRICA DA TRAGÉDIA. – A tragédia está composta em verso, «foi trovada», como se diz no título do livro. Os versos são de sete sílabas, redondilha maior, com acentos nas

sílabas 3.ª e 7.ª Os versos são dispostos em quintilhas, com as rimas *abaab*, ou *abbab*.

O metro do verso adoptado por Anrrique Ayres Victoria é o metro mais popular da língua portuguesa, e geralmente usado pelos poetas portugueses da primeira metade do século XVI; foi o metro empregado nos autos compostos por Gil Vicente, Luís de Camões, António Prestes e António Ribeiro Chiado; e parece que tambêm pelo Dr. Francisco de Sá de Miranda na sua tragédia *Cleopatra*, quanto se pode avaliar pela estância que dela resta.

As quintilhas são grupadas às duas e duas; mas como entre elas não há nenhuma relação de rima, as duas quintilhas grupadas formam não uma décima, mas simplesmente uma estância. As quintilhas são em numero de 428.

Valor literário da tragédia. – Do valor intrínseco da tragédia nada há que dizer, senão que ela é obra de Sófocles, o poeta grego que elevou a tragédia ao mais alto grau de perfeição, e de cujas obras, assim como das de Ésquilo e Eurípedes, Aristóleles e Horácio deduziram as regras da dramática. O escritor português, arte sabendo certamente que a tragédia é a narração dramática duma acção grave pelo assunto, ilustre pelos personagens, e desastrosa pelo êxito; e que por consequência o seu estilo deve de ser grave, nobre e patético: empregou uma linguagem adequada à categoria nobre e dos interlocutores da tragédia, que eram reis, príncipes e pessoas da côrte, e como se a acção se passasse no seu tempo. Aumenta muito ainda o valor da tragédia portuguesa a circunstância de ser uma versão da tragédia de Sófocles, certamente muito modificada, mas que dá completa idea da obra do trágico grego.

É bem para notar que na tragédia portuguesa não se encontra nenhuma palavra da linguagem plebeia, que são tão frequentes nos autos compostos no século XVI.

AUTOR. – Não alcançámos nenhuns dados biográficos acêrca de Anrrique Ayres Victoria, nem relativos às circunstâncias da sua vida, nem doutras composições literárias suas. Os bibliógrafos Inocêncio Francisco da Silva, e depois dele Ricardo Pinto do Matos e José dos Santos, dizem sómente que Anrrique Ayres Victoria era natural da cidade do Pôrto. Esta notícia provávelmente

tem por fundamento a indicação dada na dedicatória, em que se diz que Anrrique Ayres Victoria era natural do Pôrto, e na segunda das estâncias, que se seguem à exortação do autor, da qual consta que Anrrique Ayres Victoria acabou de traduzir a tragédia A Vingança de Agamenom a 15 de Março de 1536 na cidade do Pôrto. A falta de notícias biográficas por parte de todos os bibliógrafos, e sobretudo a circunstância, já notada, que Diogo Barbosa Machado não menciona o autor da tragédia entre os escritores portugueses, nem se refere à mesma tragédia, fizeram conjecturar que a tragédia portuguesa foi composta, sôbre a tragédia castelhana de Hernan Perez de Oliva, por um escritor de origem popular, dotado certamente de talento poético, e possuindo cultura literária não vulgar,

residente, pelo menos durante algum tempo, no Pôrto, e onde provávelmente se fez a primeira impressão em fôlha volante.

A tragédia portuguesa mostra tambêm que Anrrique Ayres Victoria tinha conhecimento das obras dos melhores mestres, os trágicos gregos, e porventura o desejo de os imitar em suas composições.

REPRESENTAÇÃO TEATRAL DA TRAGÉDIA.

– Não se encontra nenhuma notícia escrita nem tradição oral, da qual se conclua que a tragédia A Vingança de Agamenom foi representada em teatro português. Do que se diz no prólogo, certamente ajuntado pelo impressor Germão Galhardo, parece resultar que a segunda impressão da tragédia foi feita principalmente com o fim de servir para instrução moral e exemplo dos que a lessem, e pelo proveito que daí resultaria para viver bem e honestamente, considerando que os maus sempre recebem o castigo das suas maldades e crimes, e os bons, quando não são galardoados neste mundo, recebem na outra vida o prémio devido às suas virtudes.

HISTÓRIA DO PALEÓTIPO¹ DA TRAGÉDIA. –

Diogo Barbosa Machado parece não ter tido conhecimento da tragédia *A Vingança de Agamenom*, pois que a não menciona na *Biblioteca Lusitana*; foi António Ribeiro dos Santos o primeiro bibliógrafo que descreveu o paleótipo da tragédia nas *Memórias para a história da tipografia em Portugal no século* XVI (p. 119). Um exemplar do paleótipo pertenceu a Monsenhor Hasse, que foi sócio da Academia das Sciências de Lisboa, e

-

Designa-se paleótipo o livro impresso em caracteres góticos.

faleceu em 1805; mas êle, tendo-o emprestado em sua vida ao Duque de Lafões, D. João de Bragança, extraviou-se, de modo que nunca mais se soube notícia dêle¹.

Em 1858 um exemplar do paleótipo pertencia a J. J. Saldanha Machado, então tesoureiro da Casa da Moeda, que o havia comprado alguns anos antes em casa de António Henriques, antigo comerciante de livros estabelecido na Calçada do Duque. Inocêncio Francisco da Silva examinou então o exemplar pertencente a J. J. Saldanha Machado, e o descreveu no seu *Dicionário* bibliográfico português, onde transcreveu o título, as rubricas do prólogo e dos dois parágrafos que se seguem, a lista dos interlocutores, as primeiras quatro estâncias

.

¹ Inocêncio Francisco da Silva, *Dicionário bibliográfico português*, tomo III, Lisboa, 1859, pp. 179-181.

da tragédia, a última das duas estâncias que se seguem à exortação do autor, e a subscrição¹.

Em 1878 Ricardo Pinto de Matos, no seu *Manual bibliográfico português* (pp. 44-45), deu notícia dum exemplar da tragédia, transcrevendo o título e a subscrição; e informou que o mesmo exemplar existia na livraria que tinha sido do Conde de Azevedo, que o comprara por 81\$00, e legada por êle ao Sr. Conde de Samodães.

Emfim em 1917 José dos Santos, na sua *Bibliografia da literatura clássica luso-brasílica* (I, pp. 86-92), deu uma notícia do exemplar pertencente ao Sr. Conde de Samodães, com fac-similes (zincografias) da página recto da primeira fôlha (rosto), da página verso da primeira fôlha (comêço do

 $^{^{1}}$ Ibidem.

prólogo), da página recto da terceira fôlha (as seis primeiras estâncias da tragédia), e da página verso da última fôlha (as duas estâncias que se seguem à exortação do autor e a subscrição).

É muito provável que o exemplar do paleótipo que pertenceu a Monsenhor Hasse, e depois o de J. J. Saldanha Machado, seja o mesmo que actualmente pertence ao Sr. Conde de Samodães, e que parece ser o único existente.

DESCRIÇÃO DO PALEÓTIPO. – O exemplar paleótipo da tragédia *A Vingança de Agamenom*, pertencente ao Sr. Conde de Samodães, é um livro encadernado de 20 fôlhas do formato de 4.°, constituído por dez fôlhas duplas formando um caderno. As primeiras dez fôlhas têm no ângulo inferior

direito a assinatura: Aj (falta), Aij, Aiij, Aiiij, Av, Avj, Avij, Aviij, Aviiij, Ax; as segundas dez fôlhas, prolongamento das dez primeiras, não têm assinatura.

As fôlhas do livro têm actualmente 0^m,186 de comprimento (altura) e 0^m,135 de largura; mas provávelmente foram aparadas.

Em cada página, a parte impressa (chapa de impressão) é um rectângulo, que na parte em prosa tem 0^m,170 x 0^m,110, e na parte em verso 0^m,168 x 0^m,109. As letras são do tipo denominado gótico, e grandes. Cada página da parte em prosa está disposta em uma só coluna de 40 linhas quando completa, cada linha completa tem cerca de 60 letras: cada página da parte ocupada pela tragédia é disposta em duas colunas; e cada coluna, se fôsse completa teria 34 linhas: e as páginas ocupadas pela exortação ao leitor, pelas duas

estâncias que se lhe seguem, e pela subscrição, são em uma só coluna.

O rosto do livro (fôlha 1, r) é formado por uma espécie de portada, dentro da qual há na parte superior uma vinheta, e na parte inferior o título da obra. A portada compõese de seis peças: a inferior (largura 0^m,010) friso decorado representa um ornamentos guerreiros (escudos, lanças, saia de malha, e na parte superior uma águia); as duas peças laterais inferiores (largura cêrca de 0^m,008) representam colunas salomónicas prolongadas por colunas de ordem jónica; as quatro peças laterais superiores (largura 0^m,010) representam cêrca de frisos decorados com diversas figuras (dragões, cornucópias, máscaras, etc.); a peça superior (largura cêrca de 0^m,010) representa um friso decorado com objectos diversos (silva de

ramos de árvores, flores, caras de seres humanos, etc.).

A vinheta tem cêrca de 0^m,095 na direcção da largura da fôlha, e 0^m,063 na direcção da altura da fôlha. Na vinheta está representada uma casa, em cuja frente há uma porta e à direita desta uma janela, e na empena da esquerda há outra janela. Diante da porta e junto dela está um homem mancebo, de pé, descoberto, tendo na mão direita um pequeno instrumento, provávelmente um punhal, e a mão esquerda levantada à altura do peito, e fazendo gesto de falar. Dentro de casa e nas janelas da frente e da empena da esquerda vêem-se os bustos de duas mulheres, em atitude de observar o que se passa fora de casa. Diante do mancebo que está à porta, jaz deitado no chão o corpo dum personagem, sem cabeça e nu, as mãos atadas com uma

corda sôbre a cintura, e os pés atados com uma corda, que está ligada à retranca do arreio dum solípede (cavalo ou muar), montado por um cavaleiro, que parece caminhar paralelamente à empena esquerda da casa, levando de rastos o corpo exânime. Ao lado direito da casa vêem-se outros dois personagens, de pé e cobertos com chapéus; o da frente representa um mancebo, tem a espada desembainhada na mão esquerda, e a mão direita à altura do peito, e parece falar ao mancebo que está diante da porta; e o de trás representa um homem idoso, um velho. representados Os personagens são provávelmente: o mancebo descoberto diante da porta, Orestes; as duas mulheres, cujos bustos se vêem pelas janelas, Electra e Crisótemis, irmãs de Orestes; o corpo decapitado, jazendo no chão, de

Clitemnestra; o mancebo coberto e com a espada na mão, Pílades, amigo de Orestes; o velho, colocado atrás do mancebo coberto, o aio de Orestes.

O título da obra tem as linhas dispostas em triângulo isósceles, com o vértice para a parte inferior da página, e com a seguinte disposição: [Ramo de flores] Tragedia da vingança que foy feita sobre a morte del Rey Agamenom. Agora nouamente tirada de Grego em lingoagem: trouada por Anrrique Ayres Victoria. Cujo argumento he de Sophocles poeta Grego.

Agora seguda vez impressa e emendada e anhadida pello mesmo Autor.

No alto da página verso da mesma fôlha (fôlha 1), começa o prólogo com a dedicatória da tragédia a D. Violante de Távora, o qual certamente foi ajuntado pelo impressor Germão Galhardo. Êste prólogo ocupa a página verso da fôlha 1, e um pouco mais de metade da página recto da fôlha 2; segue-se logo um parágrafo com a rubrica A morte de Agamenom, que ocupa a parte restante da página recto da fôlha 2, e metade da página verso da mesma fôlha; depois segue-se outro parágrafo com a rubrica Argumento da presente tragédia; e nas últimas quatro linhas mesma página está a lista dos desta interlocutores da tragédia.

A tragédia ocupa as páginas 3 *r* a 19 *v*; está disposta em duas colunas por página. Os versos são em quintilhas, grupadas às duas e duas formando uma estância. O comêço das

estâncias é indicado por um sinal (crescente com a concavidade voltada para a direita); e as estâncias são separadas umas das outras pelo intervalo de uma linha em claro. Todavia faltam algumas vezes os sinais do comêço de estância, e a linha em claro.

O nome do interlocutor, correspondendo ao comêço de estância, é dado umas vezes em linha especial da coluna e por extenso, outras vezes na linha do primeiro verso da estância e em abreviatura. O nome do interlocutor, não correspondendo a princípio de estância, é dado na margem esquerda do primeiro verso da fala e em abreviatura.

A página recto da fôlha 20 é ocupada pela *Exortação do autor aos lectores*, que se compõe de três estâncias, cada uma de oito versos de dez sílabas; tendo depois ao meio da linha a palavra *Fim*.

A página verso da fôlha 20 é ocupada por duas estâncias, cada uma de oito versos de dez sílabas; depois segue-se a subscrição com as linhas dispostas em triângulo, com o vértice para a parte inferior, e assim dividida:

Aqui feneçe a tragedia de Orestes tirada de Grego em lingoagem Portugues e trouada. Foy impressa na muy nobre e sempre leal cidade de Lixboa per Germão Galhardo impressor del Rey nosso senhor. Acabouse aos .vj. dias de Novembro de mil e quinhentos e cincoenta e cinco anos.

Fim

Estas duas estâncias e a subscrição foram certamente ajuntadas pelo impressor Germão Galhardo.

ABREVIATURAS. – Na impressão do paleótipo empregaram-se alguns sinais representativos de grupos de letras, e em geral sómente quando o espaço restante para a linha ou verso não era suficiente para conter as letras em separado. Os sinais de grupos de letras empregados são: d' (de), q□ (que), scto (santo), ds (deus), p (per), p (pro).

PARTICULARIDADES GRÁFICAS. – No paleótipo observam-se as seguintes particularidades de escrita:

1.ª Algumas letras têm mais de uma forma: *e* (duas); *r* (duas); *s* (três).

- 2.ª A vogal *i*, inicial de palavra, é representada umas vezes por *y*, e outras vezes por *j*, assim *yrmão*, *jrmão*; a vogal *i*, subjuntiva do ditongo *ui*, é representada muitas vezes por *y* para evitar confusão.
- $3.^{a}$ A vogal u, inicial de palavras, é representada por v.
- 4.ª A consoante *v*, média de palavra, é sempre representada por *u*; a consoante *v* é sómente empregada como inicial de palavra.
- 5.ª A ditongação das vogais é representada por *m* antes das vogais e de *b*, *m*, *p*, e do pronome enclítico, e no fim de palavra; e por *n* antes das outras consoantes. Quando na linha falta espaço, a ditongação é representada por *til*.
- 6.ª Nas vogais dobradas o *til* é colocado sobre a segunda vogal, assim *yrmaã*.

7.ª O artigo definido singular masculino é escrito quási sempre ho; a interjeição (vocativo) \acute{o} , é escrita o.

A partícula *ao* é tambêm escrita *ho*, assim *ho reuez* (1, 10; 245, 3).

- 8.ª Os pronomes enclíticos são umas vezes juntos ao verbo, formando com êle uma palavra, outras vezes separados.
- 9.ª A partícula (conjunção) *senam* é escrita poucas vezes em uma só palavra, *senam*, mas quási sempre os seus elementos são separados, *se nam*.

SINAIS DE PONTUAÇÃO. – Os sinais de pontuação usados no paleótipo são a vírgula (um traço inclinado na largura da linha), os dois pontos e o ponto final: mas na impressão do paleótipo estes sinais faltam quási por completo.

Na impressão do paleótipo não se empregaram acentos; esta falta poderia produzir alguma hesitação na leitura de algumas palavras isoladamente; mas o sentido do discurso desfaz fácilmente o equívoco.

REVISÃO DAS PROVAS DA IMPRESSÃO DO PALEÓTIPO. – A composição tipográfica do paleótipo foi revista e corrigida; contudo observa-se ainda um número considerável de erros tipográficos evidentes.

PALAVRAS RARAS. – A línguagem da tragédia é a da língua portuguesa culta, usada pelos escritores da primeira metade do século XVI; todavia há a notar as seguintes palavras pouco usadas: *apertura* (apêrto), *canso* (cansaço), *descuidança* (descuido),

desditado (desditoso), desigual (sem igual), escuridade (escuridão), falsia (falsidade), folgura (folgança, folguedo), lastimeira (lástima), mansidade (mansidão), seguridade (segurança), seruidumbre (seruidão), torpidade (torpeza), tristor (tristeza), tristura (tristeza); contudo a maior parte destas palavras são empregadas para satisfazer a rima dos versos.

TÍTULO DA TRAGÉDIA. — O título da tragédia, breve e em poucas palavras, não é bem evidente no paleótipo. Na página do rosto está impresso: *Tragedia da Vingança que foi feita sobre a morte del Rey Agamenom*; e na subscrição: *Aqui fenece a tragédia de Orestes*. Adoptou-se o título *A Vingança de Agamenom*, que representa melhor a primeira frase da página do rosto, e

que provávelmente é composição de Anrrique Ayres Victoria, pois que a subscrição é certamente composição do impressor Germão Galhardo, e tambêm porque aquele é o título da tragédia castelhana¹.

IMPRESSÃO. – A seguinte impressão da tragédia é conforme, quanto possível, com a do paleótipo; contudo fizeram-se as seguintes modificações:

-

¹ O emprêgo da palavra *vingança* no sentido de *vingança que foi feita* (ou *tomada*) *pela morte de*, é usado no título de outra obra muito vulgar na idade média, a saber: *Vindicta Salvatoris* (em latim): *La vengence de nostre saulueur et redempteur Jhesu crist* (em francês antigo); *La vengeance du Sauveur* (em francês moderno). Cf. Gaston Paris, *La littérature française au moyen âge*, Paris, 1905, n.º 140; C. Chabaneau, *La Prise de Jérusalem ou la Vengeance du Sauveur*, texto provençal, Paris, 1890; *História de Vespasiano, imperador de Roma*, Lisboa, 1905.

- 1.ª Para facilidade da composição tipográfica, e da leitura, desfizeram-se as abreviaturas de grupos de letras.
- $2.^{a}$ Como sinal de nasalação das vogais, em vez do til, que é um sinal de abreviatura, empregou-se o m antes das vogais, de b, m e p e no fim de palavra, e o n antes das outras consoantes; com excepção das palavras $h\tilde{u}$, $h\tilde{u}a$, $alg\tilde{u}$, $alg\tilde{u}a$, $nenh\tilde{u}a$.
- $3.^{a}$ Em vez de J (vogal) inicial de palavra que começa período, ou de nome próprio, empregou-se Y; e em vez do j (vogal) inicial de nome comum, empregou-se y.
- 4. Em vez de v (vogal) inicial de palavra empregou-se u.
- 5.ª Empregou-se letra maiúscula na inicial dos nomes próprios de pessoa e de lugar.
- 6.ª O pronome complemento *mim*, que no paleótipo é escrito *mi*, *my*, *mĩ*, foi transcrito

por *mim* antes de vogal, e por *mi* antes de consoante.

- 7.ª Uniformizou-se a escrita de algumas palavras, como *milhor* (melhor), *pera* (para), *piadade* (piedade), *rezam* (razam).
- 8.ª Corrigiram-se os erros tipográficos evidentes.
- 9.ª A urna, em que foi trazido a Micenas o corpo fingido de Orestes, é designada quási sempre pela palavra *caixa*, e uma vez (219, 3) por *arca*; adoptou-se sempre esta palavra, que era a mais comummente usada no século XVI, e que designa mais própriamente uma urna capaz de encerrar o corpo de Orestes, em vez da palavra *caixa*, que provávelmente é alteração devida ao impressor Germão Galhardo.
- 10.ª Para melhor compreensão colocaramse sinais de pontuação, que no paleótipo

faltam quási completamente. O emprêgo dos sinais de pontuação é evidentemente uma interpretação do texto; contudo procuramos com isso aproximar-nos do pensamento, que o autor pretendeu exprimir.

Em seguida ao texto da tragédia são dadas as leituras exactas do paleótipo, correspondentes aos n.ºs 3, 4, 7, 8 e 9.

Tragedia da vingan-

ça que foy feita sobre a morte del Rey Agamenom. Agora nouamente tirada de Grego em lingoagem: trouada por Anrrique Ayres Victoria. Cujo argumento he de Sophocles poeta Grego.

Agora segunda vez impressa e emmendada e anhadida pello mesmo Autor.

L. 6, Sophoeles.

Começa a tragedia de Orestes tirada de Grego em Romance trouada¹ por Anrrique Ayres Victoria, natural do Porto, e deregida² a muy manifica senhora Dona Violante de Tauora.

Prologo.

Muy manifica senhora, tem algũs³ por openiam e assi ho ousam afirmar, ser vicio e tacha e cousa desnecessaria ocuparemse⁴ os homês a ler tresladar ou declarar os poetas antigos, e a causa e rezam⁵ que dizem e alegam por si, e afirmam estes que a tal openiam⁶ tem: he porque os antigos poetas nam foram cristãos, nem souberam os artigos da fee, nem as cousas que a nossa

pertencem⁷, saluacam assi como escreueram e deixaram escriptas os sanctos, em cujos liuros nos deuiamos ocupar mais afincadamente: que nos outros que nam sam de tanto fruito. Ysto nam me deixa de parecer bem, e digo que he cousa assaz boa e necessaria: porem nem por ysso lhes concedo nam ser proueitoso⁸ e nam de pequeno proueito, leer e gastar tempo nestes antigos, se lessem e entendessem ao fim e moralidade pera que⁹ escritos foram: ysto se quiser atentar e esquadrinhar qualquer leitor, nam deixara de tirar delles muyta doutrina e grande exemplo de vida, ainda que em ho mais fabuloso poeta se ocupasse: e porem se isto nam teuer e consirar, nem de hūs nem de outros se aproueitara nem tirara fruyto algũ¹⁰: e porque clara e manifesta

cousa [he] que se muytas cousas, que estam escritas assi nas deuinas como humanas letras, se entendessem ao pe da letra tam soomente, que seria riso dizer que dellas se podia redegir e tirar doutrina ou exemplo pera bem e onestamente viuer: assi como na ley velha mandar Deos que ho animal que teuesse a unha¹¹ fendida fosse sacrificio e nam outro, porque este seneficaua ho¹² amor que auemos de ter com Deos e com ho proximo: outras muytas cerimonias figuras e parabolas, que em ho testamento nouo e velho se podem ver, as quaes entendidas simplezmente parecem cousa mais de zombaria e escarneo que nam de doutrina: mas se ho çumo¹³ e ho entrinseco dellas se atenta, nam ha hy cousa

mais doce mais agradauel deleitosa nem de mais fruyto: assi muyto manifica senhora, acho nam auer ahy nenhũa fabula escrita por qualquer daquelles antigos poetas que eram grandes philosophos¹⁴, da qual nam possamos tirar grande doutrina¹⁵ moral: exemplo daquelle Prometheo que por auer elle¹⁶ restituydo ho fogo aos mortaes contra vontade de Jupiter, vieram ao mundo as doenças e aduersidades que nelle ha, que outra cousa nos mostra e senifica ysto se nam¹⁷ grandes males estarem prometidos aos que a sciencia deuina querem usurpar¹⁸, dizendo que adeuinham, e que querem fazer cousas que so a Deos pertencem¹⁹: e aquelle Acteom grande caçador que nos mostra por sua desastrada e cruel morte, se nam que os que em caças e vicios deleitosos, nam se lembrando daquelle²⁰ sumo Deos que os

criou, gastam seu tempo, e por derradeiro vem a ser comidos dos cães Acteom que sam seus vicios, e padecem e acabam mal e com desuenturado fim seus dias. E assi nesta presente obra Egisto, que era adultero viuendo e permanecendo em vicio sem se querer delle apartar, foy a punhaladas por Orestes morto, que outra cousa he se nam os maos ensistindo em sua maldade nam poderem acabar bem: em por Clitennestra²¹ molher del Rey Agamenom conhecemos de quanta culpa sam dinas²², e quanto mal pera si buscam e causam a outrem, as que de taes excessos e dilictos sam cometedoras: e assi pello contrairo dinas de eterna memoria e grande louuor, as que sempre ham veuido bem e onestamente

cada hũa em seu estado. Assi, muy manifica senhora, que considerando esta obra trazer algũ fruito, quis a V. S. deregila, pera que as pessoas que a vissem²³ se enclinassem e mouessem a lela, vendo que pois me eu atreuia a ella ha entitular, que nam podia deixar de me parecer que traria doutrina aos que a lessem, com aquella entençam e aquelle fim com que ho este e outros poetas escreueram, os quaes sam espelhos de exemplo pera os que querem euitar e fugir os maos principios, donde poucas vezes ou nunca nos socede bem, e imitar seguir e abraçar os bõs, dos quaes²⁴ ainda que bem nos nam venha neste mundo, ja nam se da culpa por os cumeços serem maos, e ao fim quando neste mundo nos nam sam galardoados, Deos que he bom e justo por elles da na outra vida a gloria: a qual tenha

por bem de dar depois de muytos annos de vida a vossa S.

```
<sup>1</sup> trouado
```

² derrigida

³ alguũs

⁴ ocuparemce

⁵ razam

⁶ que] ẽ – openiam] operaçam

⁷ pertençem

⁸ prouueitoso

⁹ que] **ẽ**.

¹⁰ alguũ

¹¹ vnha

¹² o

¹³ cumo

¹⁴ philofos

¹⁵ dotrina

¹⁶ ele

¹⁷ senão

¹⁸ vsurpar

¹⁹ pertêce

²⁰ daquele

²¹ Clitẽnestra

²² dynas

²³ vissen

 $^{^{24}}$ dos quaes] dos (?) q \square ea

A morte de Agamenom.

Quando os Gregos, manifica senhora, queriam passar sobre Troya por amor da roubada Ylena²⁵ molher de Menalao que Paris de Grecia leuou, ajuntaram seus exercitos em Aulide, onde el rey Agamenom yrmão de Menalao matou hũa serua²⁶ de Diana, que naquelle tempo tinham por deosa, nam sabendo que era sua: mas disto offendida Diana que tinha poder sobre os ventos, nam lhes quis dar bom tempo ate que lhe sacrificassem a Yphigenia filha de Agamenom e a matassem em seu louuor: e como quer que os Gregos tinham grandes desejos de vingarse da injuria a elles feita por Paris troyano, filho del rey Priamo de Troya, consentiram em ho por Diana a elles pedido²⁷, e mandaram pedir Yphigenia a Clitennestra sua mãy dizendo que a queriam casar com Archiles, a qual foy leuada a Aulide, onde os Gregos estauam, por Clitennestra sua mãy: e vendo pera que auiam leuado que era pera²⁸ sacrificala a Diana, começou aborrecer Agamenom seu marido, e por isto e por a longa tardança da guerra de Troya deu lugar a Egisto que muyto a amaua, de cumprir sua vontade, e viueo com elle²⁹ em adulterio, ate que passados dez annos Troya foy destruida: tornando pois Agamenom a Grecia vencedor, Clitennestra lhe deu hũa vestidura sem abertura por onde podesse tirar a cabeça. A qual vestindo Agamenom achandose embaraçado com ella, Egisto³⁰ sayo de hũ lugar escondido donde estaua, e elle e Clitennestra ho mataram: e ficaram filhos de Agamenom que ouue em Clitennestra: Orestes que era ainda menino de pouca vdade, e duas suas vrmãas³¹ Elecha e Chrisothemis³². E Egisto e Clitennestra queriam³³ matar a Orestes, porque nam ficasse quem podesse vingar a morte de seu pay Agamenom. Mas Elecha que ho soube, o liurou de morte, e o deu a hũ bom homẽ que ho criasse escondido. Ho qual ho³⁴ leuou a cidade de Crissa, e alli ho criou e ensinou de tal maneira como a filho de Agamenom pertencia.

Argumento da presente tragedia.

Seendo Orestes de ydade pera poder vingar a morte de seu pay Agamenom, tornou a Micenas donde estaua Egisto e Clitennestra a seu vicio. E trouxe consigo ho ayo que ho³⁵ auia criado, e a Pilades hũ mancebo que era seu especial amigo. E ho ayo se fez como mensageiro que era

L. 5. o – 10. arca] caixa.

mandado a Clitennestra de hũ seu amigo, chamado Phanoteo, com nouas que Orestes era morto. As quaes ella creo. E da hi a pouco chegou Orestes e Pilades com hũa arca³⁶ cuberta com pano negro fingindo vir dentro ho corpo de Orestes defunto. E com isto ouueram lugar de entrar seguros em ho paço real, e mataram a Clitennestra: e despois saindo toparam com Egisto, ho qual tambem mataram. E assi Orestes vingou a morte de seu pay liurando a Elecha sua yrmãa de muyto ma vida que lhe dauam Clitennestra e Egisto, e de enfindas lagrimas que choraua cuidando que elle era morto.

Interlocutores.

AYO. ORESTES. PILADES. ELECHA. CHRISOTEMIS. CLITENNESTRA. EGISTO. CLIMINES. ETHRA. Estas CLIMINES e ETHRA sam duas molheres que acompanhauam a ELECHA.

²⁵ Ylena

²⁶ serua] *leia-se* cerua (*Electra*, v. 568).

²⁷ pedindo

²⁸ para

²⁹ ella

³⁰ Egysto

³¹ jrmãs

³² Crissothemes

³³ queria

³⁴ o (2.°).

 $^{^{35}}$ O

³⁶ arca] caixa.

Sena primeira³⁷, em que se contem Ayo. Orestes.

Ayo Aquestes, Orestes, sam 1 campos de Grecia chamados: descance teu coraçam, porque de todo seram teus desejos acabados. E aquella gram cidade, que dessoutra parte ves, he Arguos de anteguidade e de grande potestade: e olha ca ho reues: E veras hũa espessura 3 por esta parte estar soo, que he ho bosque de Yo, que cobrou sua figura no Nilo feito de poo. 4 E a tua esquerda mão

aparecem hūs edificios, honde os sacerdotes vão dApollo com deuaçam a fazer seus sacrificios.

Reconhece pois agora 5
a cidade de Micenas,
honde a tua alma mora:
e descancem nesta hora
tuas fadigas e penas.
Porque esta he aquella, 6
onde os teus pensamentos
sempre tinhas sem cautela:
e pois te ves apar della
acabem ja teus tormentos.

E aqui foste liurado por Elecha yrmãa tua,

daquelle tredor maluado

de Egisto reprouado,

que te dera morte crua.

Deuteme que te criasse 8

com lealdade e amor,

e bõs costumes te ensinasse,

e que sempre te animasse

que fosses bom vingador:

Da morte tam sem rezam,
que por tua mãy foy dada
a teu pay Agamenam,
e com muy grande treiçam
por Egisto ordenada.
E aquella principal
casa que ves torreada,
he honde se faz ho mal
da morte tam desigual
que Agamenam foy dada.

A qual çuja acharas	11
com ho sangue de teu pay:	
e logo ho vingaras,	
de que gloria ganharas	
matando a tua may.	
Teu animo exalça agora,	12
cuidando quanto te obriga	
a virtude que em ti mora,	
pera vingar nesta ora	
morte tam mal merecida.	
Acordate das feridas	13
que assi lhe foram dadas,	
e das glorias tam sobidas	
pollos tiranos auidas,	
que por isso tem ganhadas.	
E teras atreuimento	14
de comprir tua empresa,	

pois que tées tam bom cimento reuolue em teu pensamento húa tam grande crueza.

Esta noite he ja passada,

e ho sol quer sayr ja

a comprir sua jornada:

e aqui nossa estada

pouco proueito nos da.

Tambem ho tempo nos falta

pera conselho tomar

nesta empresa tam alta:

e pois que Febo se esmalta,

sera bom determinar.

Olha pois com gram prudencia, 17 que ha breuidade do tempo he remedio a deligencia: nisto ha muyta negligencia

	nunca faz bom fundamento.	
ORESTES	O ayo muyto amado,	18
	por cuja doutrina espero	
	a meu pay fazer vingado,	
	e exalçar meu estado	
	nam cayndo em nenhum erro:	
	Como a pay te ey de amar,	19
	pois como a filho me amas:	
	e em teu amoestar	
	bem me das a demostrar	
	que meus imigos desamas.	
	Teu conselho diligente	20
	he a meu contentamento,	
	pois minha honrra he contente:	
	e mais me he pertencente	
	conselho que ardimento.	
Avo	Conselho nam faltara	21

segundo tenho cuydado: creo que muy bem sera, que a estas casas vaa pera ser mais auisado: 22 e aos tiranos yrey, como que sam mensageiro e que es morto lhe direy, e com isto fingirey ser em todo verdadeyro. O qual elles bem creram 23 de tu seres ja finado, e de ti descuydaram, e nam ficara em vão aqueste nosso cuydado. 24 **ORESTES** A mim ysso bem parece, ayo, pera auer entrada: e aos deoses aprouuesse que verdade se fizesse

essa morte desastrada.

Se me ouuesse destrouar	25
a fortuna muy cruel,	
pois que soe de contrastar	
aos bõs te os matar,	
e aos maos he fiel:	
porem eu em deos confio	26
pois que he tam poderoso,	
que nam me dara desuio	
pera me sair valdio	
meu desejo desejoso.	
Porque a elle nam lhe apraz	27
hum feito tam mao e visto:	
elle me fara capaz,	
e me dara força assaz	
pera me vingar de Egisto.	
Pois em tanto que eu for,	28

Ayo

cobri hũa arca capaz com hũ negro cobertor, porque pareça milhor, que ho morto dentro jaz.

E quando vos parecer 29
que compri ho meu mandado,
ambos com grande saber
podereis yr e dizer
ser este ho corpo passado:
ho qual lhe he enuiado 30
de algũ amigo delle
pera ca ser sepultado,
que assi ho deixou mandado
em seu testamento elle.

Desta maneira podeis 31 muy bem seguros entrar, vossos imigos vereis,

	e delles vos podereis	
	a vontade bem vingar.	
ORESTES	Todo assi se comprira,	32
	como nos aconselhaes:	
	e a deos aprazera,	
	que ninguem nam olhara	
	em estes nossos sinaes.	
	Mas se te a ti aprouuer,	33
	primeiro ao templo yremos	
	aos deoses nos offerecer,	
	e como pera offender	
	ysto nos ho nam fazemos:	
	e despois tu tornaras	34
	fazer ho que he acordado.	
Ayo	Vamos, e tambem veras	
	ho sepulchro, em que acharas	
	teu pay jazer sepultado.	

Sena segunda, em que se contem ELECHA.CLIMINES.ETHRA.

ELECHA 35 O lumes, terra e ar, que no ceo resplandeceis, vinde a testemunhar minha pena e meu pesar: e dizeyme se sabeis, 36 ate quando durara minha vida atormentada, e quando se acabara, porque me desejo ja della ser cedo tirada. Ja nam ha gentes que sintam 37 estes meus tristes gemidos: e as casas donde abitam. os lauores se despintam com lagrimas de meus gemidos.

Que conforto posso ter, 38

pois estou antre estas dores:

quem me pode guarecer,

porque ja qualquer prazer

me da penas muy mayores.

Meu pay despois que venceo
os Troyanos em crua guerra,
seu nome esclareceo,
como que muyta honrra deu
a Grecia, sua terra.
E ao tempo que vinha
a sua casa folgar,
do trabalho que sostinha,
e que ja passado tinha,
polla terra e pollo mar:

Como aquelle que aportaua 41

no porto de seu descanso,
onde elle esperaua
que a gente se saluaua
ho seruissem sem ter canso:
Minha mãy com quem queria
42
comunicar sua gloria,
ho matou com gram falsia,
em quanto elle queria
vestirse, sem ter memoria:

Do grande amor, que lhe tinha,
sem nenhũa falsidade.
Dize, ho molher mesquinha,
porque foste tam daninha,
chea de tal crueldade.
E tu, Egisto, vencido
de amor tam abominable
esteueste apercebido,
em hũa camara metido,

pera dar morte inefable.

O padre meu, que nas cruas

guerras foste vencedor,

nam temendo espadas nuas,

foste em as terras tuas

morto por este tredor.

Ay que os maos nam ofendem,

se nam onde nam ha confiança,

e ally sua yra estendem,

e a muytas gentes vendem,

sem nenhũa temperança.

O madre minha, tredora, 47
a quem nenhũa reuerencia
deuo, pois es matadora:
eu chorarey cada ora
tua pouca violencia.
Pois somente me pariste 48

pera chorar teus maos feitos: dize ho que em meu pay viste: pera sempre serey triste por ser criada a teus peitos.

Como podeste matar, 49
a quem tanto te amaua,
e outro foste tomar:
mas elle te deu lugar
porque de ti confiaua.
E nam quizeste olhar 50
ho inferno aparelhado,
pera os males castigar:
as penas que te ham de dar
por cometer tal pecado.

Nam viste ho merecimento 51 de meu pay Agamenam: mas com maldade, sem tento,

a mi deste gram tormento,
a elle morte a treiçam.

Nam olhaste a orfandade 52
dos filhos que delle tinhas:
nam olhaste a lealdade,
nem as leis de castidade,
nem menos lagrimas minhas.

Deuia tomar vingança 53
todo genero humano
em ti logo sem tardança,
pois que sem ter temperança
offendeste ho soberano:
Em corromper feramente 54
as leis do ajuntamento,
em que todos juntamente
com amor muyto feruente
conseruam ho sacramento.

Inda que por outra parte	55
teueste algũa rezam,	
nisto quero desculparte	
de matares com tal arte	
a meu pay Agamenam:	
que nam eras merecedora	56
de tu teres tal marido,	
nem delle seres senhora:	
e maldita seja a ora	
que ho ouueste conhecido.	
O Agamenom, pay meu,	57
pay desta desuenturada,	
que mais lagrimas verteo,	
que tu verteste sangue teu,	
quando a morte te foy dada:	
se me visses tu agora	58
em seruidume tam forte,	
nam se penaria a ora,	

e a dor de tua morte, dor de que minha alma chora.

A tua filha verias, 59
a qual tu tanto amaste,
que aborrece os seus dias,
porque orfãa a deixaste,
metida em taes agonias.

Veriala mal tratada, 60
por te ser muy piadosa,
de minha mãy desprezada:
veriala muy chorosa,
no coraçam lastimada.

Nam quero por terte amor 61 desejarte nenhũ mal, nem que vejas minha dor, a qual he tam desigual, que nam pode ser mayor.

Vejo eu, desuenturada,	62
a Egisto teu reyno herdar:	
e tua camara honrrada	
com teus vestidos husar	
com Clitennestra maluada.	
Em sua cabeça vejo	63
a coroa que foy tua:	
e as mãos, que com desejo	
te deram morte tam crua,	
trazem ho ceptro sem ter pejo.	
As quaes por mais crueis ser	64
ho meu sangue nam derramam:	
bem ho querem inda verter,	
porque muyto ho desamam,	
sem de mi piadade auer.	
Say, furias infernaes,	65
pois nam ha misericordia	

em as gentes terreaes:
tirayme desta discordia,
pera que nam viua mais.
Empregay a crueldade 66
em homes tanto danados,
que se saiba de verdade,
que vos fostes ordenados
pera vingar tal maldade.

CLIMINES

chea de zelo muy sancto,
bem vemos tua querela,
e quem causa este teu pranto,
e quem he a causa della.
Em te perder soo a ti,
teu pay muyto mais perdeo
que a vida, pois assi
ho teu amor conheceo,
que lhe teueste ate qui.

Elecha, nobre donzella,

E os tam crueis tiranos, 69 que ho mataram cruamente, nam fizeram tantos dannos em ho matar duramente, como em te ser humanos. Peço a deos com affriçam, 70 que seja tal seu cimento, que fartes teu coraçam em veres seu perdimento, perdimento com rezam. 71 Mas tu, senhora, antre tanto algũ remedio procura: cesse ja esse teu pranto, nam te vas a sepultura com tam terrible quebranto. Que nam as te peruerter 72 tu as leys de natureza

com teu chorar e gemer:

mas antes tua tristeza com ysso veras crecer.

ETHRA 73 As lagrimas cessem ja, renoua teu coraçam: e a teu pesar fim da, porque com ter mais paixam ho remedio nam se ha. De ti ho pesar desuia, 74 os males de ti desuara. espide toda agonia, porque nos em tua cara recebamos alegria. **ELECHA** Yrmãs minhas, muyto amadas, 75 que assi me aconselhaes, vossas palauras olhadas, e ho conselho que me daes,

he de bem aconselhadas.

Porem ho acordo milhor, 76
eu nam sey se sam discreta:
estando neste ardor,
he seguir home a praneta,
que lhe da ho alto senhor.

77

Porque a minha me condena pera chorar e gemer, resistila he mayor pena, pena nam pera sofrer, e hũa dor nam pequena.

Pois deixaime a mi fazer, como fazem os doentes, que desejam de beber, nam olhando inconuenientes, que lhe podem recrecer:

78

Que ham por milhor gostar daquella agoa saborosa,

que polla vida esperar,
a qual esta perigosa
pera se assegurar.
E eu antes chorar quero

esta morte desastrada,
que a vida que espero,
nam sendo por mi chorada
com este pranto tam fero

.

Rogouos, que me digaes, antes que me dar conforto, que lagos ambas cuidaes que eu tenho em meu corpo, pera que nam chore mais.

Onde se hão de agasalhar as lagrimas de meus olhos, pera deixar de chorar, pois que me saem aos molhos

sem as poder refrear.

82

81

	Tambem que capacidade	83
	posso ter dentro em meu peito,	
	pera reter mansidade,	
	de gemidos com dereito,	
	desta tam grande maldade.	
	Os quaes despois de saydos	84
	os ares abafaram	
	com soma de alaridos:	
	auey de mi compaixam,	
	e fazey prontos ouuidos.	
	E nam me queiraes tapar	85
	estes meus respiradores	
	do fogo, que he sem par,	
	que me causam tantas dores,	
	quaes nam saberey contar.	
ETHRA	Pois que assi te apraz,	86
	dize, se tees esperança,	
	ou se remedio te traz	

de algũa confiança, que em tua alma jaz.

	Pera que nos a tenhamos	87
	com verte alegre algũ dia,	
	porque ja desesperamos	
	de te vermos alegria,	
	ho que tanto desejamos.	
ELECHA	Sosteueme a esperança	88
	de Orestes, meu yrmão:	
	mas a minha maa andança	
	causa tanta dilaçam,	
	dilaçam com tal tardança.	
ETHRA	Pois nam a deixes passar.	89
ELECHA	Muy dura cousa seria	
	de me eu ja confiar,	
	de quem assi me queria	
	com dilaçam enganar.	

	Porque esta minha ydade	90
	ja requere companhia,	
	e nam esta orfandade:	
	e filhos ja ter deuia,	
	e sayr de escuridade.	
	Tambem receber conforto	91
	com vinda de meu yrmão,	
	ho qual creo ser ja morto,	
	que esta sua dilaçam	
	me da muy gram desconforto.	
	Temo que de mi nam ache,	92
	se nam os ossos somente,	
	e que a morte me despache:	
	que vos juro certamente,	
	que a ella nam me agache.	
ETHRA	Ydo, nam creo: se nam	93
	que muy cedo elle vira,	

e liurarte de paixam: e se nam. elle errara fazendo doutra feiçam. 94 Porque tu es tal yrmãa, que mereces todo bem, com vontade muyto sãa: em deos esperança tem, que te nam sayra vãa.

ELECHA

Muyto me he obrigado 95 a mim Orestes, de sorte que elle por mi foy liurado, querendolhe dar a morte aquelle Egisto maluado. Eu da morte ho tirey: 96 e tendoo assi tirado logo a crialo dey a hũ velho muyto honrrado, e muyto lho encarreguey.

O yrmão, o yrmão meu, 97
pois te liurey do perigo,
alembrete ora eu,
nam me sejas enemigo,
pois padeço pollo teu.
Eu bem posso ser chamada 98
tua mãy muy verdadeyra,
pois que por mi te foy dada
toda tua vida inteyra,
sendo da morte liurada.

Tu tees por mim ho prazer, 99
e ho prazer por mim ho tees:
vemme, vemme socorrer,
dize, por que te detees,
que ja me nam vees a ver.
Tees minha alma desterrada 100
de meu corpo onde estas,
viuendo atribulada:

vem, vem e satisfaras a esta yrmãa tam cansada.

101 Mas eu me tenho por paga com a gloria de ho ter feito. O senhora, acaba, acaba, CLIMINES nam sejas pera teu peyto hũa tam cruel adaga. 102 Nam te ocupe o pensamento em cousas de tanta dor: toma algũ contentamento, o qual te sera milhor, que tomares tal tormento. **ELECHA** Como poderey falar 103 eu se nam neste meu mal por algo desabafar: que cousas doutro metal

mal me poderam fartar.

	Vendo que ey de seruir,	104
	a quem a meu pay matou,	
	e que ho veja residir	
	em os reynos que deixou,	
	e os seus panos vestir.	
	E minha mãy me aborrece,	105
	porque sam tam piadosa:	
	em os males preualece,	
	e me he muy rigurosa,	
	minha fee nam ho merece.	
ETHRA	Coraçam te deu natureza,	106
	e olhos e fermosura,	
	e saber, que he gram riqueza,	
	e outros dões de natura	
	que pertencem a tua alteza.	
	Mas com dares tantos ays	107
	os corrompes com gemidos.	

ELECHA

Os dões, que sam naturaes
pera outros sam amigos,
e a mi danamme mais.
Olhos, pera que os quero,
nem pera que quero ver,
pois hum yrmão, a que espero,
fortuna mo ha de deter,
e de vello desespero.

Vejo minha mãy dormir

com seu adultero Egisto,

sem ninguem lho empidir:

pois os olhos que vem ysto,

pera que querem seruir.

Vos ontros milhor estaes,

a quem os olhos falecem,

que eu dando tantos ays,

e os que douuidos carecem,

porque meu mal nam ouçaes.

	Porque eu, se assi me vira,	111
	ho mal nam me fora mal,	
	se nam vira nem ouuira,	
	minha pena desigual	
	ao menos nam sintira.	
CLIMINES	Di, senhora, sabes certo	112
	que nos nam podem ouuir:	
	Egisto, que estamos perto	
	donde elle soe dormir,	
	nam ouça nosso concerto.	
ELECHA	O dona, minha amiga,	113
	de Egisto nam ey temor,	
	que em elle me dar a vida,	
	se me acrecenta a dor,	
	e se me dobra a fadiga.	
	Quanto mais que meu falar	114
	he com muyta mansidade:	
	e elle foy a caçar	

la bem fora da cidade, porem oje ha de tornar.

ETHRA	E Orestes, yrmão teu,	115
	sabes onde estara.	
ELECHA	Em Crissa creo que esta,	
	e mil vezes me escreueo,	
	que cedo vira de la.	
	Pera comprir meu desejo	116
	sua vinda desejada:	
	porem eu inda nam vejo,	
	que cumpra a esta jornada:	
	eu não sey que lhe faz pejo.	
ETHRA	Senhora, tem confiança,	117
	que vira muy certamente:	
	e que esta sua tardança	
	he pera mais fortemente	
	te dar inteira vingança.	

Sena terceira³⁸, em que se contem Chrisotemis³⁹. Elecha

CHRISOTEMIS Muytas vezes com cuydado, 118 yrmãa, te ey requerido, e com lagrimas rogado, que este teu pranto crecido, ja por ti fosse deixado: 119 e vejote eu agora por elles em mais paixam: rogote, yrmãa, senhora, que tomes consolaçam, nam te sejas matadora. Pois se assi vai desta sorte, 120 Egisto esta indignado, a te dar prisam muy forte, por Orestes ser liurado por tua mão de crua morte.

	Peçote, yrmãa, por tanto, que de todo cesse ja este teu crecido pranto: pois remedio nam se da chorares com tal quebranto.	121
ELECHA	Chrisotemis, bem parece, quam pouco tees no sentido este pesar tam crecido, que em cuydalo desfalece	122
CHRISOTEMIS	meu coraçam aborrido. Tambem nam posso deyxar esta minha grande dor. Tu nam deyxes o pesar, mas tira de fora a cor, que te podera danar.	123
ELECHA	O quem fazelo podesse:	124

mas dizem la hũ primor, ho qual he, se nam me esquece: Liuiano es el dolor, que de fora no paresce.

CHRISOTEMIS

Pois, Elecha, eu te digo,
que ho deues de guardar
pera tempo sem perigo,
que se ho queres mostrar,
Egisto he teu enemigo.

Regete com mansidade, 126
amansa tuas querelas,
que os que vão com tempestade,
tiram a mor parte das velas,
por yr com seguridade.
Recolhe tuas querelas 127
dentro em teu coraçam:
e nam te enganem ellas,
e te deitem em perdiçam

dandolhe todas as velas.

	Nos deoses tem confiança,	128
	e nam te vas a perder	
	com tua destemperança,	
	porque auendo ahi bonança	
	bem lhas podes estender.	
ELECHA	Teus conselhos, yrmãa minha,	129
	pera eu tomar prazer,	
	bem escusados os tinha:	
	e por tanto as de saber,	
	que a morte me he mezinha.	
	Pera ti guarda os prazeres,	130
	leyxame a mi chorar:	
	que de mi ja nam esperes,	
	que leyxe este pesar:	
	tu os toma, se poderes.	
	Porque tu fazendo assi,	131

de todos seras seruida, acatada e temida: e eu estarey aquy maldizendo minha vida.

Tu comeras mil manjares,
que te dem consolaçam:
eu estarey na prisam,
comendo tristes pesares,
bebendo graue paixam.

Dormirey na terra dura
133
sem de mi terem lembrança:
pois tenho tanta tristura,
queira minha boa andança,
que me va a sepultura.

Entam tera companhia 134 minha alma a do pay meu: e entam lhe mostraria,

	como mouro pollo seu	
	recebendo alegria.	
	Pois vay tu, yrmãa, agora	135
	deixa este conselho vão:	
	e dize a tua senhora,	
	que abreuie esta paixam,	
	e nam ande de ora em ora.	
CHRISOTEMIS	Yrmãa, embaixadas taes	136
	nam desejo de fazer:	
	mas vede se me mandaes,	
	o que ouuerdes mister,	
	ou necessidade tenhaes.	
ELECHA	Nam esta em tua mão	137
	poderme remediar.	
CHRISOTEMIS	Por essa arte em vão	
	logo aqui ho meu tardar:	
	porem meu conselho he são.	

	Nam me quero mais deter	138
	contigo nesta contenda:	
	pois nam te vejo prazer,	
	vou leuar minha offrenda.	
ELECHA	Offrenda de que ha de ser.	
CHRISOTEMIS	Muy ricos perfumes sam.	139
ELECHA	E por quem se ham de queimar.	
CHRISOTEMIS	A honor de Agamenam.	
ELECHA	He modo de celebrar	
	sua morte com treiçam.	
CHRISOTEMIS	Sua yra quer aplacar:	140
	e por ysso lhe offerece	
	taes cheyros pera queimar,	
	porque diz que lhe parece	
	em feguras despantar.	
	Pollo qual esta espantada,	141
	de noyte nunca repousa,	
	viue muy atribulada	

com taes visões, que nam ousa dormir desacompanhada.

ELECHA

Yrmãa, as grandes maldades

ellas sam as vingadoras

de taes torpes torpidades,
recrecendo a todas horas
aquessas taes nouidades.

Trazendo no pensamento

a maldade cometida,
que lhe de graue tormento,
nam tendo segura vida,
nem em si contentamento.

Quando velam, tem tristeza, quando dormem, sobresaltos, sonhando sua crueza, de temor nunca sam faltos, nem lhes val sua riqueza.

144

E andam acompanhados 145	į
contino de gram temor:	
o qual tem este primor,	
que nunca deyxa os culpados	
descuydar de seu error.	
No pezar os acompanha, 146	ĺ
no prazer os traz cercados	
de milhares de cuydados,	
que nunca os desacompanha:	
assi os traz atormentados.	
Assi nossa mãy agora 147	7
com ho medo, que tera	
de ser ella a causadora	
de tanto mal, cuydara	
do que he merecedora.	
Sempre tera seu sentido, 148	}
honde sabe que meteo	

ho corpo de seu marido,
que ella nam mereceo,
que della fosse querido.

Vendo sua gram falsia,
de olhar pera os ceos
como tera ousadia:
onde sabe que esta deos,
que todas as cousas guia.

Pois eu, desauenturada,
ja nam tenho a que olhar,
se nam como foy maluada
em a nosso pay matar
de morte tam atreiçoada.
Eu te rogo, que a maneyra
desses sonhos tu me digas.
Esta noyte derradeyra
espertou com mil fadigas,
que lhe dauam gram canseyra.

CHRISOTEMIS

	Com gram dor de coraçam	152
	espertou aluoroçada,	
	dizendo com gram paixam,	
	que ella vira Agamenam	
	nhũa fonte ensangoentada.	
	E daquella agoa bebia	153
	com muyto grande roydo,	
	ho qual vinha assi ferido,	
	como foy na terra fria	
	despois de morto metido.	
	Ex a causa principal,	154
	porque vou a sepultura	
	com encenso e mirra tal,	
	pera ver se tera cura	
	esta paixam desigual.	
ELECHA	A morte nam he ligeira	155
	cousa pera perdoar:	
	posto que nosso mãy queira	

com encenso ho aplacar, busque, busque outra maneira.

Vayte tu offerecer
as offrendas que leuares:
que eu me quero retraer,
cercada de mil pesares,
apartada de prazer.

156

Sena quarta, em que se contem Ayo. CLIMINES. ETHRA. CLITENNESTRA.

Ayo	Dizey, senhoras honrradas,	157
	nam me negueis ora isto,	
	se sam estas as moradas	
	de vosso principe Egisto.	
CLIMINES	Estas sam suas pousadas.	
Ayo	Fazeyme tanto prazer,	158
	que me digais quem he esta	
	tanto pomposa molher.	
CLIMINES	He a senhora Clitennestra.	
Ayo	Comprido he meu querer:	
	Que a ella venho buscar,	159
	pera lhe dar hũ recado,	
	com que muyto ha de folgar:	

senhora de gram estado, queyras me ora escuitar. 160 Phanoteo, teu amigo, por quem eu sam enuiado, por seruiço assinalado, te manda dizer comigo ho que sera declarado.

161

CLITENNESTRA Dizeme ora essa embaixada. pois he de tanto prazer, que por mim he desejada. Ayo Senhora muyto prezada, tu aueras de saber, que Orestes, que ja crecia 162 em grande força e poder, pera mayor magoa ser, a quem lhe algũ bem queria, cruel morte foy auer.

48

163 E sendo ja em ydade, pera que fosse temido, a morte sem piadade, sendo ja varam crecido, ho matou com crueldade. Estas sam mais prazenteiras 164 nouas que mandar podia. CLITENNESTRA Nam sam se nam lastimeiras,

fora de toda alegria, nem tu tal cuidar nam queiras.

Quem se nam cre, nem se vio, 165 que hũa mãy tome prazer, com morte de quem pario: mas antes sinto crecer o amor que de mi partio. 166 Porque eu agora ho sento sayr, que estaua escondido,

como quando leua ho vento a cinza, sendo crecido, e fica ho lume ysento.

Pois tirado ho temor, 167
que sempre a meu filho teue,
fica descuberto ho amor,
que a mãy a filho ter deue,
de sua morte tenho dor.

Dous estremos me combatem, 168
hũ ser segura da vida,
sem ter medo que me matem,
outro morte tam dorida,
que o meu prazer abatem.

E agora estar segura 169 requere ter alegria, e sua morte tristura, muyto durar nam podia

que nam fosse a sepultura.

Milhor foy ser sepultado,
antes que com mais tardança
em ho meu sangue vingado
morrera, tendo vingança
do por ello erro chamado.

170

Eu te rogo que me digas 171 ho modo de sua morte:

se foy em auendo brigas,

ou fazendo algũa sorte,

ou sobre caso de amigas.

Sey que os yllustres varões 172 com Orestes ordenaram,

tirando mil enuenções,

hũas festas, e prouaram seus muy fortes corações.

Ordenaram mil maneiras 173

51

Ayo

de exercitar as pessoas,
correndo muytas carreiras,
fazendo mil cousas boas,
nam lhe alembrando canseiras.

De todos ouue vitoria

Orestes sem auer falta,
tanto que estaua na gloria,
e sua fama tam alta,
que ficara por memoria.

Assi estaua no terreiro 175

posto em meyo da gente,
seu rosto como hũ luzeiro,
tam claro e resplandecente,
como valente guerreyro.

Estando assi parecia 176
que era de todos senhor:
e elle, que ho merecia
de todos com grande amor,

era olhado ho que fazia.

Olhauam velhos seu tento, 177

molheres sua mesura,

moços seu atreuimento,

damas sua fermosura,

dando gram contentamento.

E andando campeando 178

Orestes com seu caualo,

sua destreza mostrando,

tanto que nam sey louualo,

ho caualo apremando.

O qual muy afadigado 179
com a força, que trazia
de correr muyto cansado,
com quem ho assi regia,
cayo no chão estirado.
E sendo assi caydo, 180
tomou debaixo a Orestes,

e da gente costrangido se aleuantou muyto prestes, ficando Orestes tendido.

Parece que quis mostrar

fortuna naquelle dia
seu poderio sem par,
aaquella gram companhia,
em ho assi morto deixar.

As lagrimas foram tantas,
como chuyua desigual,
ficando a festa tal,
que ho coraçam me quebranta
cuydar soo neste gram mal.

O qual logo foy tomado 183
pollos daquella cidade,
em hũa arca encerrado,
e mandamto com piadade,

pera ca ser sepultado.

CLITENNESTRA Ysso tem fortuna cega, e aquesses sam seus feitos, que ho que com hũa mão rega, quando estam mais satisfeitos, com a outra mão os sega.

> Orestes em fortaleza 185 creceo e virtude e fama, por se ver nelle a firmeza, que ha em a cousa humana, morrendo com tal presteza. 186 Agora sera milhor ordenarlhe a sepultura, que por elle tomar dor,

Tu que foste mensageiro

pois agora estou segura,

espedirey ho temor.

187

184

daquesta noua tam triste
a Phanoteo, meu verdadeiro
amigo, dize, estrangeiro,
a paixam que em mi sentiste.

Mas antes que caminheis,
quero que logo nessora
a Elecha esta noua deis,
vos outras della sabeis.

ETHRA Na camara ficou agora.

Sena quinta, em que se contem ORESTES. PILADES. AYO.

ORESTES	Pois que comprido auemos	189
	ho que nos conuem fazer:	
	aquy meu ayo esperemos,	
	pera ho que passou saber,	
	e como nos disser, faremos.	
PILADES	Eu tenho tal confiança	190
	em sua muy sabia lingoa,	
	que os pora em descuidança	
	que nam cayamos em mingoa	
	de tomar nossa vingança.	
	Por tanto esta aparelhado	191
	com teu animo muy forte,	
	como varam esforçado,	

nam se estroue por maa sorte, ho que tees tam desejado.

ORESTES Como cres que me entrara

192

fraqueza em meu coraçam, vendo, como assi esta este reyno, tanto ha, em alhea sogeiçam.

O qual he a mi deuido,

e tirado por maldade:
quando cuydo em meu santido
hũa tam gram crueldade,
fico em mim esmorecido.

Quando olho os aposentos,
de que eu era senhor,
sendo meus proprios ysentos,
vendolhe outro possuydor,
se me dobram meus tormentos.

Pois voluendo a cuydar

onde esta meu pay enterrado,
se me dobra meu pesar,
desejando ser vingado,
não queria a ysso tardar.

Cuydando nesta maldade

196
certamente me parece,
que tem tam gram potestade
ho fogo, que em mi florece,
que arderia esta cidade.

E nam deues presumir, 197

que meu fraco coraçam

me aja isto de empedir:

mas quero aguardar sazão,

e ate meu ayo vir.

Mas antes deues de crer, 198

que a honrra e ho amor

e desejo de me ver vingado deste tredor, tambem por ho meu auer.

Que nam me pode deter,

nem he cousa tam bastante,
ho desejo de viuer,
que logo em este instante
ho nam aja de fazer.

Principalmente olhando

os feytos que outros fezeram,
em mim estou desejando,
vendo que vitoria ouueram,
de a vingança yr começando.

Nem ha de quem recear, 201
pois te leuo em companhia,
e sey que nam as de faltar,
nem mudar a fantesia,

mas a vida auenturar.

PILADES

Nam sabes que amizade nos tem assi ajuntados, que nenhũa aduersidade nos pode ter apartados hũ momento em cantidade.

202

Tua vontade he a minha, 203 eu sinto ho que tu sentes, tal que a alma me adeuinha, que nam ha inconuenientes, por tal seguro caminha. Tem de ambos tal confiança, qual mesmo tees de ti soo: pesame em qualquer balança, e nam ajas de mi doo, mas em mi tem esperança.

204

Que eu farey de maneira,

205

	que nos nam falte vitoria,	
	tal que a nossa verdadeira	
	amizade por memoria	
	fique a gente estrangeira.	
ORESTES	Pois te me deu por amigo,	206
	fortuna nada me deue	
	do mal que usou comigo:	
	o meu coraçam se atreue	
	a mais estando contigo.	
	Porque se de algũa sorte	207
	nos vemos em apertura,	
	ou em perigo de morte,	
	vendo a ti em auentura	
	seria dous tanto forte.	
PILADES	Certa cousa he que ho amor	208
	os corações fortalece,	
	e lhes da muy gram fauor,	
	e por isso se acontece	

a moor perigo se por. Se dous amigos se vem 209 nalgũ perigo metidos, duas vidas a cargo tem, e tambem em seus sentidos ambos trazer se conuem. 210 Entam a força se esmalta pera fazerem dobrado. **ORESTES** Ora pois ja nam nos falta, mais que o tempo ser chegado, pera esta empresa alta. Do ceo ajuda espero, 211 pois que em seu vituperio se fez hũ caso tam fero, e do celeste imperio vira ho castigo mero. E tu pois so es piadade, 212 atar as mãos a vingança,

soltarmas a crueldade, como eu tenho esperança pera vingar tal maldade.

Se crueis, vendoas banhadas

no sangue de minha may,

te parecerem untadas,

vendo ho que deuo a meu pay,

piadosas seram chamadas.

Principalmente que ella

perde ho dereyto deuido,

pois se maldiz com querela

por me auer concebido,

pollo qual desejo vela.

Ayo Dizey que fazeis aqui, 215 se quereis antecipar este caso que hordi.

ORESTES Nam: mas vimoste esperar

	por nam errarmos a ti.	
Ayo	Tendes a arca ordenada	216
	onde ha de ser fingido	
	com maneyra simulada,	
	que teu corpo vem metido.	
ORESTES	Ja esta bem auiada.	
	Porem dinos, tem la crido	217
	as nouas de ser eu morto.	
Ayo	Todo esta ja bem comprido:	
	e tua mãy com gram conforto,	
	com ho que lhe ey mentido.	
	Elecha faz muy gram pranto	218
	com aquestas nouas taes,	
	tal que de grande quebranto	
	me vim pera onde estaes.	
ORESTES	Ora nam tardemos tanto.	
	E tu vay a consolala	219

de seu pranto tam crecido: a arca yremos buscala, em que esta o corpo fengido, e tambem logo leuala.

Sena sexta, em que se contem ELECHA. CLIMINES. ETHRA. CLITENNESTRA⁴⁰. CHRISOTEMIS⁴¹.

ELECHA	Que farey desuenturada,	220
	onde me yrey esconder	
	dos males desta jornada,	
	que me siguem ate morrer,	
	sem delles ser apartada.	
	Dizey, gentes, em quem mora	221
	de contino piadade,	
	onde me esconderey ora:	
	dayme ajuda com verdade	
	contra a fortuna tredora.	
	Mas pera que he demandar	222
	ajuda contra fortuna:	

pois que ja nam ha lugar
em meu corpo parte algũa
pera ja ferida dar.

Ja tem em mi consomido 223
e mostrado seu poder,
e meu corpo tam partido,
que nam ha onde offender,
assi ho tem tam ferido.

Ja sam liure de sua mão,

pero com gram dano meu,

fezme o pensamento vão,

pois por derradeiro deu

tal morte a meu bom yrmão.

Agora nenhũa esperança

225

tenho com noua tam triste,

desta morte e ma andança,

de pesar minha alma viste,

ver que nam tenho vingança.

226 Agora com alegria a Clitennestra e Egisto verey falar cada dia nesta morte, e com isto crecera minha agonia. Agora confirmaram 227 ho seu muy çujo amor: e vingança tomaram, em quem ja foy servidor de meu pay Agamenam. O soberano senhor, 228 que nos ceos tees a morada, das injurias vingador, ouue a esta cuytada, da remedio a sua dor. Tuas orelhas piadosas, 229 onde escondidas as tees, com que ouues as chorosas:

e senhor, porque nam vões com tuas mãos muy yrosas:

Sobre estes taes maluados

castigar sua maldade,
e seus nefandos pecados,
sem temer tua magestade,
tem quebrado teus mandados.

O senhor, nam pares mente,
que, nam auendo castigo,
dam a entender a gente,
que nam deues ser temido,
que he gran inconueniente.

Manda sobre elles tua yra,
que pareça teu poder
na terra, e ho rosto vira
que possam os homes ver,
que ho teu poder os gira.

	Pois, senhor, es poderoso,	233
	onde ha toda verdade,	
	nam queiras ser piadoso	
	aos maos: mas sua maldade	
	castiga com rosto yroso.	
CLIMINES	Sossega, sessega, senhora,	234
	hũ pouco tuas paixões:	
	nam consintas cada hora,	
	que em ti façam impressões,	
	nem te sejas matadora.	
ELECHA	O como sossegarey,	235
	pois que eu com meu amor	
	a morte encaminhey	
	a meu pay e meu senhor,	
	porque tanto ho amey.	
	Meu pay, a quem eu amaua,	236
	foy ho que morreo primeiro:	

e meu yrmão, a quem esperaua,
deste amor foy herdeiro,
e de vello desejaua.
Ao senhor aprouuesse,
pois em amar sam desditada,
que comigo eu podesse,
que de mi fosse amada
Clitennestra, e ho fezesse:

Com Egisto, e sendo amados 238

de mi fossem destroydos,
e da terra desterrados,
e das gentes muy corridos,
pois tristes sam meus fados.

Senhora, tem discriçam, 239

ETHRA Senhora, tem discriçam, onde esta tua mesura.

ELECHA

Onde nam tenho paixam: porem minha desuentura temme cego ho coraçam.

ETHRA	Teus olhos volue atraz,	240
	que ca vem a mais andar	
	tua yrmãa, e poderas	
	com ella algo amansar	
	esta congoxa, em que estas.	
CHRISOTEMIS	Nouas te quero yrmãa dar,	241
	as mais a tua vontade,	
	que podeste desejar:	
	pois que tua liberdade	
	eu a vejo começar.	
ELECHA	Que nouas pode hi auer	242
	de descanço, ou de que sorte,	
	se nam ouuerem de ser,	
	as nouas de minha morte,	
	que eu ja queria ver.	
	Que alegria pode entrar	243
	em meu peito desditado,	

donde he senhor ho pesar: e esta tam senhoreado, que ho nam posso deixar.

CHRISOTEMIS	Estas nouas sam, yrmãa,	244
	que Orestes he chegado,	
	e chegou esta menhãa.	
ELECHA	Nam viuo, mas sepultado:	
	nem com sua cara sãa.	
CHRISOTEMIS	Vindo he porque agora	245
	no templo vi a sepultura,	
	em que nosso pay ja mora,	
	com grinalda a figura	
	que sobre elle esta de fora.	
	E ho sepulchro enrramado,	246
	e cheo de muytas flores:	
	nam sey quem seria ousado	
	de fazer estes primores,	

	se Orestes nam for chegado.	
ELECHA	Ja Orestes nam yra	247
	ver a sua sepultura,	
	se nam pera ficar la.	
CHRISOTEMIS	Nam tomes tanta tristura,	
	pois remedio nam te da.	
ELECHA	Em chorar sua morte tal	248
	a tristura nam he muyta.	
CHRISOTEMIS	O caso tam desigual,	
	morto he.	
ELECHA	Si, com gram cuita.	
CHRISOTEMIS	O morte, morte mortal.	
	O mancebo desditado,	249
	de quem ja se dependia	
	ho restaurar nosso estado:	
	ja feneceo neste dia	
	ho de ti sempre esperado.	250

ELECHA Chrisotemis, tu as ficado so, pera em ty olhar com vontade, e de grado, se me queres escuitar, com sentido bem delgado, 251 que tu me podes tirar de ter contina tristeza. **CHRISOTEMIS** Bem podes yrmãa falar, eu te ouuirey com firmeza, se he pera te alegrar. Pois escuita atentamente ELECHA 252 ho que te aqui disser: como estamos juntamente, e nam tenhas que temer, das donas que estam presente. Bem creo teras sabido. 253 que ho pay que nos gerou, que era rey tam valido,

sempre vontade tomou de nos dar ambas marido:

E nos por em tal estado,
que fossemos mais sobidas,
que no mundo fosse achado,
acatadas e seruidas,
sem ter de nada cuydado.
E agora, como tu ves,
de contino ameaçadas,
sayndo tudo ho reues,
de todos menosprezadas,
nos tem debaixo dos pes.

Eu te rogo com amor, 256
que tu e eu com firmeza,
sem nisso duuida por,
que tomemos a empresa
de matar este tredor.

Porque a nos mataram, 257 se nos nam anticipamos: e memorias ficaram disto, se ho acabamos, de que exemplo tomaram.

E assi seremos auidas

de todos por excelentes:

doutra sorte somos tidas

como mesquinhas seruentes,

por fim mortas e feridas.

Nam te espantes do que digo,

pois tua mãy, sendo molher,

deu azo a seu amigo

pera matar e offender

a seu tam real marido.

E a quem ella deuera 260 tirar de si os seus annos

pera lhos dar, se podera,
e nam causar tantos dannos,
como ma serpente fera.
Pois nos, porque nam teremos 261
esforço pera os matar,
e fazer ho que deuemos:
e nam nos cumpre tardar,
pera que isto ordenemos.

E se te a ti aprouuer 262

de me teres companhia

pera isto se fazer,

muy perto temos a via

pera consoladas ser.

CHRISOTEMIS Donas, nobres e honradas, 263
primeiro quero rogaruos
que nisto sejaes caladas.

ETHRA Em nos podeis confiaruos, Como em fieis criadas.

CHRISOTEMIS Nam ho digo com tençam, que tenha de ho fazer, que meu fraco coraçam nam tera esse poder, porque nam he de varam. Mas agora estou tremendo, que ysto nam seja auentado: pois, Elecha, respondendo, ao que me as amoestado, ja pollo dito tentendo.

Nossa ma dita bem vejo, 266
e tenho considerada:
a liberdade desejo,
e a vingança desejada
busquemos melhor ensejo.
Se em nos outras nam ouuera 267
pera ysso forças taes,

muyto bem me parecera, que por famas ymortaes nossa ma vida se dera.

Nem somos acostumadas

de com as armas tratar,
nem seriamos ousadas
pera sangue derramar,
ficando desamparadas:

De forças e sem abrigo,
sem termos nisso mais feito,
se nam pera auer castigo,
pois nam pode auer effeito
este caso como digo.

Mil vezes me veyo a mente 270 ter fortuna ho poderio, que tem hũa gram corrente, que os que vam ao som do rio,

	nadam mais seguramente.	
	E os que querem porfiar	271
	• •	2/1
	nadar pollo rio arriba,	
	nam estam muyto sem cansar:	
	e assi a agoa os sogiga,	
	que se querem afogar.	
	Pois tu tambem se quiseres,	272
	contra a fortuna nam sejas,	
	porque se a obedeceres,	
	aueras ho que desejas,	
	se ho tu assi fezeres.	
ELECHA	Em ninguem nam acho fe,	273
	e ninguem ja nam tem ley:	
	o triste, pois assi he,	
	a quem me socorrerey,	
	que algũ remedio me de.	
CHRISOTEMIS	Nam se chama a fe faltar,	274

	por te assi nam querer	
	ao que queres ajudar:	
	que he lançarte a perder,	
	sem ho que queres, cobrar.	
ETHRA	Clitennestra aqui vem,	275
	por ysso calay, senhoras,	
	que vos pode ouuir bem:	
	nam vos tome a desoras,	
	com que mais penas vos dem.	
CLITENNESTRA	Elecha, a deos aprouuesse,	276
	que este teu crecido pranto,	
	ja em rayua se voluesse,	
	e em crecido quebranto,	
	que tua vida fenecesse.	
	Tu nam deyxas passar ora	277
	sem me dizer maldições,	
	e como filha tredora	
	dizes de mim os baldões,	

e a virtude que em ti mora.

Dizes que eu to ouuira,	278
foras bem auenturada	
e dizelo eu to vira,	
se a morte desastrada	
de teu pay em mi cayra.	
Taes cousas nam ousarias	279
dizer, se aqui esteuesse	
Egisto, que ho pagarias:	
mas se cedo elle viesse,	
tirarmia de agonias.	
Pois faze que presto venha	280
o teu verdugo cruel	
matarme, e nam se detenha:	
porque minha alma fiel	
em isso mais gloria tenha.	
Pois a dyr pollo caminho,	281

ELECHA

que foy a de Agamenam: e ho meu corpo mesquinho tera gram consolaçam em ver, que he seu vezinho.

CLITENNESTRA Foy como elle mereceo, pois assi tam cruel morte elle a Yphigenia deu, e a Diana desta sorte seu corpo lhe offereceo. Escreueome ho maluado, leuasse a triste donzela: e que Archiles, ho esforçado, queria casar com ella: tendo la al acordado.

> E la me manifestaram ho que tinham acordado: e dos braços ma tiraram,

> > 85

284

282

e a Diana, sem meu grado,
logo a sacrificaram:
dizendo ter em poder 285
Diana todos os ventos,
pera os fazer deter:
e que por premio dos tempos
queria seu sangue auer.

Vendo que nam se escusaua 286
por meu rogo de a matar,
com ella me abraçaua,
e lagrimas de pesar
com as suas mesturaua.

Dos peitos me foy tirada, 287
e seu colo de marfil
e garganta foy cortada
com cutelo muy sotil,
e a deosa sacrificada.

	E ysto por mim olhado	288
	com temor, que nam fezesse	
	assi outro tal recado	
	em os filhos que teuesse,	
	foy milhor ser sepultado.	
	Mas aos deoses aprouuera,	289
	pois taes auieis de ser,	
	que eu ho tal nam fezera,	
	mas antes bem lhe querer,	
	pera que a morte vos dera.	
ELECHA	Muy facil cousa seria	290
	saberte eu responder,	
	mas a licença queria.	
CLITENNESTRA	Dize ho que queres dizer,	
	farta tua fantesia.	
	Nam te vas a outro lugar,	291
	onde com mais dano meu	
	te ponhas a praguejar:	

pollo qual te quero eu atentamente escuitar.

ELECHA

Ja tu sabes que estaua 292
em Aulide ho gram real
dos Gregos, e nam passaua
a Troya, por nam ventar
ho vento que se esperaua.
E Diana demandou, 293
por premio de lhe dar tempo,
ho sangue, que se outorgou,
de Yphigenia: e ho vento
nessa ora logo ventou.

E nam foy ysto fengido como tu dezias agora, tendo por baldam crecido, de ser ella a causadora de ho viagem ser comprido.

Se nam podiam nauegar, nem a viagem comprir, nam he pera estranhar, pera que podessem yr, a Yphigenia matar. 295

296

Que nam era cousa boa, que em mais preço se teuesse a vida de hũa pessoa, que a honrra e interesse, que veo a grega coroa. Porque eu ouui dizer,

297

que leuandoa dezia
nam ter em nada morrer,
pois que por ella podia
toda Grecia honrrada ser.

49 I

Nam sey como dizes ora, que hia muda a padecer;

e posto que assi fora,
nam deuera de morrer
meu pay de morte tredora.
Fazes maa ley pera ti,
299
todos gram culpa te dam,
que despois de morto assi
ho triste de Agamenam,
mayor culpa ouue ahy.

A qual foy tu te casar

com Egisto matador:
e das tambem a demostrar
encenderte ho çujo amor,
pera isto se ordenar.

Assi que minhas querelas
sam muy justas e fieis,
e por isso foges dellas:
e as tuas mãos crueis
causaram auer de tellas.

	Bem sey que este sera	302
	caminho da sepultura.	
CLITENNESTRA	Milhor estarias la,	
	que ca dandome tristura	
	com tua lingoa tam maa.	
ELECHA	Todos tristura te dam,	303
	os que aborrecem maldade:	
	e contigo bem nam estam,	
	os que amam a bondade,	
	nem jamais ho estaram.	
CLITENNESTRA	Mor maldade pode auer,	304
	que a mi, que te criey,	
	ynjurías sem temer,	
	a pena que te darey,	
	e ho que pode meu poder.	
	Mas eu sam nisto omecida,	305
	pois que com tanta brandura	
	te tenho tanto sofrida,	

nam te dando morte dura, com que fosses fenecida.

ELECHA	Nunca me ey darrepender,	306
	antes sempre me aqueixar,	
	porque nam tenho poder,	
	nem em mi se pode achar	
	as forças que ey mester.	
	Porque se as eu teuera.	307
CLITENNESTRA	Dizeme, o que fezeras.	
ELECHA	Se eu fazelo podera,	
	tu e Egisto nam teueras	
	mais vida sobre a terra.	
CLITENNESTRA	O besta muy furiosa,	308
	tees tanto atreuimento,	
	que essa vontade danosa	
	ousas ter no pensamento,	
	dize, serpente rayuosa.	

	Taes cousas bastantes sam	309
	pera eu nam ser culpada	
	em toda terminaçam,	
	que sobre ty for tomada	
	de aquesta tua treiçam.	
	Vamonos sem mais tardar,	310
	e ho encenso queimaremos,	
	Chrisotemis, no altar,	
	onde a deos rogaremos,	
	que me aparte de sonhar.	
CHRISOTEMIS	Yrmãa, vejote em estado	311
	que as mester companhia:	
	e eu nam posso mal peccado,	
	que gram pena me daria,	
	minha mãy sendo auentado.	
ELECHA	O soo e desemparada,	312
	que farey em esta vida,	

de tantas penas cercada,
e de males perseguida,
que me tem atormentada.

Todos em suas mães tem 313
comum repouso de amor,
e assi nos yrmãos tambem:
e eu na minha acho dor,
e em minha yrmãa desdem.

Pois dizeime, que farey,
triste de mi desta sorte,
a quem me socorrerey,
se nam for a triste morte:
mas nam sey se a acharey.

Ja, senhora, nam sabemos
315

CLIMINES

nos outras, que te digamos: pois que tuas paixões vemos mores, do que nam cuydamos, nem conselho que te demos.

	Nem temos ja pensamento	316
	de te ho choro refrear:	
	mas nelle te acompanhar,	
	como quem com muyto vento	
	perde ho tom do gouernar.	
ELECHA	Algo me aueis consolado	317
	em ter meu mal por crecido:	
	mas dizey, tendes sabido	
	de outro tam desastrado,	
	que ouuesse acontecido.	
ETHRA	Amphiarao foy semelhante,	318
	que Erifile, sua molher,	
	a Ermione ho foy vender,	
	nam sendo nada constante,	
	por honde ho fez morrer.	
ELECHA	Erifile foy castigada.	319
ETHRA	Hũ seu filho a matou.	
ELECHA	Pois tal morte foy vingada,	

consolaçam nam faltou, como a mi desuenturada.

ETHRA Deos sabe parte do tempo, 320

que vira de mal ou bem,

descansa ja teu tormento.

CLIMINES Quem sam estes que ca vem,

que trazem este muymento.

Sena setima⁴², em que se contem ORESTES. CLIMINES. ETHRA. ELECHA. CLITENNESTRA. EGISTO. AYO.

ORESTES	Qual he a casa triunfante	321
	de Egisto, dizey, senhora.	
CLIMINES	Esta que tendes diante,	
	e ao presente nella mora.	
ORESTES	Pois nam vamos mais auante.	
ETHRA	Dizeynos ora de grado,	322
	que buscaes.	
ORESTES	Aqui trazemos	
	hũ presente desejado:	
	a Clitennestra queremos	
	dalo, como he mandado.	
ETHRA	Dizeynos por vossa fe,	323
	que dom he esse sobido.	

ORESTES	O corpo de Orestes he,	
	o qual vem aqui metido,	
	pera que a ella se dee.	
ELECHA	Pondeme aqui esse corpo,	324
	eu vos rogo mensageiros,	
	abraçalo ey se quer morto,	
	pois que meus tristes marteiros	
	ja nam podem auer conforto.	
	Chorarey com elle a cayda	325
	desta casa e ma andança,	
	chorarey, pois he perdida	
	toda minha esperança,	
	e de todo fenecida.	
ORESTES	Por seruiço te fazer,	326
	e tambem por vir cansado,	
	a arca quero decer:	
	aqui vem embalsamado,	
	mas nam ho poderas ver.	

O meu desditado yrmão,	327
toda minha confiança,	
de te ver sayo em vão,	
a vires tomar vingança	
desta tam grande treyçam.	
Es tu aquelle por ventura,	328
que auias de ser reparo	
desta casa, e desuentura:	
honde esta teu rostro craro,	
e a tua fermosura.	
Assi frio e sem feruor	329
a teus imigos vees ver,	
tendote tal desamor,	
metestete em seu poder	
pera me dar mayor dor.	
Assi te traz minha sorte,	330
mudo, que nam me respondes:	
	toda minha confiança, de te ver sayo em vão, a vires tomar vingança desta tam grande treyçam. Es tu aquelle por ventura, que auias de ser reparo desta casa, e desuentura: honde esta teu rostro craro, e a tua fermosura. Assi frio e sem feruor a teus imigos vões ver, tendote tal desamor, metestete em seu poder pera me dar mayor dor. Assi te traz minha sorte,

porque nam vões, cruel morte, matarme, e de mi tescondes, porque mais me desconforte.

Meu peito me resgay ja,

furias, que em mi moraes:

e minha alma sayra,

donde a vos atormentaes,

e nos ares voara.

Porque se possa apartar

dos olhos, que tanta dor

nam cessam de lhe mostrar,

porque nam lhe tem amor,

jamais a querem deixar.

CLIMINES

O palauras de piadade, que ellas mesmas moueram a natural crueldade de auer disto compaixam,

	e desta tam gram maldade.
ELECHA	Mas muy bem considerado,
	fora estas da aduersidade,
	e em porto nauegado:
	e eu estou na tempestade
	deste mundo tam coytado.
	A vida he mar de fortuna,
	que a fortuna traz yrado:
	e ho porto a sepultura,
	que os que tem ja nauegado
	nella recebem folgura.
	Tu, sepultura, es morada,
	dos que fortuna quis bem,
	em ti ha gloria folgada,
	e em ti descanço tem
	da fortuna ja passada.
	Em ti nam moram cuydados,

em ti nam vãa esperança,
tu es dos atribulados
a verdadeyra folgança,
e remedio dos penados.
A tua porta ham de yr chamar,
aquelles que siso tem,
e deues de agasalhar,
aos que quiseres bem
e em ti pousadas lhe dar.

CLIMINES

Deyxa leuar esse corpo,

porque recebes mais dor

em ho veres assi morto.

ELECHA

Honde quer que elle for,

yrey eu sem ter conforto.

Rogouos com affriçam,

que me deyxees repousar

aqui sobre meu yrmão,

que em ho ter aqui apar

	recebo consolaçam.	
CLIMINES	Modo he de amansar	341
	ho crecido sentimento,	
	se a dor deyxam passar,	
	seu primeiro mouimento,	
	despois vem a descançar.	
ORESTES	Dizey, dona, por mesura,	342
	he Elecha esta senhora.	
CLIMINES	Esta he a sem ventura.	
ORESTES	Nam a conheci ate gora,	
	vendolhe sua figura.	
	Esta vi ja tam fermosa,	243
	e com tam lindo despejo,	
	que sua cara graciosa	
	a muytos daua desejo	
	de a terem por esposa.	
	E entonces parecia,	244
	que hũ claro resplandor	

de sua cara saya, nam tendo nella tristor, mas contina alegria.

	Vejoa agora tam mortal,	345
	que nam ha quem a queira ver,	
	tam disforme e desigual,	
	se nam quem lhe bem quiser	
	por em virtude ser tal.	
ETHRA	Nam te deues espantar	346
	de a veres tal tornada,	
	que segundo seu pesar	
	na sepultura enterrada	
	nam era muyto de estar.	
ORESTES	Quem lhe da tanta paixam.	347
ETHRA	A memoria de seu pay,	
	e a morte de seu yrmão.	
ORESTES	Dizey, ella nam tem may,	

	que lhe de consolaçam.	
ETHRA	Mas dalhe pena crecida.	348
ORESTES	Dizeyme porque rezam.	
ETHRA	Por chorar com dor sentida	
	a morte de Agamenam,	
	que ja deueis ter sabida.	
	Tambem por auer liurado	349
	a seu yrmão por ser vingada,	
	a Egisto ha indignado,	
	tal que vida muy penada	
	de lhe dar tem procurado.	
	E temna ameaçada	350
	de em prisam a ter metida,	
	e alli nam ser vesitada	
	de nenhũa alma nacida,	
	por lhe dar pena dobrada.	
ORESTES	O donzela aflegida,	351
		105

1 11 ~ 1	
de mil bées merecedora,	
pouuesse a deos que a vida	
me custasse nesta ora,	
por te ver daqui sayda.	
Ho que ouço, he assi,	352
por ventura a piadade	
he chegada agora aqui.	
Justa cousa he com verdade	
auer compaixam de ti.	
Porque tu tees merecida	353
da fortuna boa andança:	
e eu vejote cayda	
sem nenhũa esperança,	
debaxo seus pees metida.	
O hũ so no mundo, em quem	354
mora justiça e verdade,	
mora justiça e verdade, pois conheces mal e bem,	
	me custasse nesta ora, por te ver daqui sayda. Ho que ouço, he assi, por ventura a piadade he chegada agora aqui. Justa cousa he com verdade auer compaixam de ti. Porque tu tees merecida da fortuna boa andança: e eu vejote cayda sem nenhua esperança, debaxo seus pees metida.

	pera mi, pois nam conuem.	
	Em me dizeres quem es,	355
	pera que teu nome tenha	
	na memoria sem reues,	
	porque por tempo te venha	
	ho pago de ser cortes.	
ORESTES	Sam hũ homẽ, que nauega	356
	em a sua sepultura,	
	no mar da fortuna cega.	
ELECHA	Tal reposta he muy escura,	
	e a meu saber se nega.	
	A fortuna e a vida,	357
	dize, que tem que fazer	
	na sepultura metida,	
	com que me fazes perder	
	a esperança por mi tida.	
	De ser liure de querelas,	358
	e de minha desuentura,	

pois que eu fugindo dellas me encerram na sepultura, sm auer remedio a ellas.

ORESTES	Em a sepultura estam,	359
	nam mortas, mas encubertas,	
	pera que sem ter paixam	
	acabem as jornadas certas,	
	que limitadas lhe sam.	
	Mas despois sendo chegadas	360
	Ao seu seguro porto,	
	seram bem manifestadas,	
	dando espanto e conforto,	
	quando forem declaradas.	
	E se te a ti ho pesar	361
	nam teuesse escurecida	
	conhecermias sem tardar.	

Estrangeiro, por tua vida

ELECHA

	que te queiras declarar:	
	que minhalma atribulada,	362
	com diuerso pensamento,	
	nam esta tam aclarada	
	com lume de entendimento,	
	pera que te entenda nada.	
ORESTES	Se te dissesse quem sam,	363
	ho chorar ja cessarias	
	ho corpo de teu yrmão,	
	nem por elle te darias	
	a tanta tribulaçam.	
ELECHA	Pois se teu nome he tal,	364
	que por elle deixaria	
	de chorar tam grande mal,	
	outro contrairo queria	
	pera as lagrimas dobrar.	
	Deyxame a consolaçam,	365

	que me da a piadade,	
	que tem ho meu coraçam.	
ORESTES	Se soubesses a verdade,	
	nam terias tal paixam.	
ELECHA	Ay que muy gram esperança	366
	com isso se me offerece:	
	mas tenho desconfiança,	
	que despois eu a perdesse,	
	sendo algũa bonança.	
	E nam queiras renouar	367
	minhalma a penas mayores:	
	mas pois que ves meu pesar,	
	tirame de tantas dores	
	com teu nome declarar.	
ORESTES	Meu nome eu to diria,	368
	mas as donas que aqui estam,	
	mas as donas que aqui estam, que ho soubessem nam queria.	
ELECHA	•	

	mais fieis do que compria.	
ORESTES	Pois este anel reconhece,	369
	e por elle ho saberas.	
ELECHA	Este de meu pay parece,	
	mas nam creo que seras	
	aquelle que ho ouuesse.	
	Eu ho dey a meu yrmão,	370
	porque vendoo renouasse	
	a morte de Agamenam,	
	porque a vingar tornasse	
	sua morte com treiçam.	
	E porque quando voluesse,	371
	se viesse demudado,	
	que por elle o conhecesse,	
	nam cuydando que meu fado	
	assi morto mo trouxesse.	
ORESTES	Pois olha yrmãa agora,	372
	reconhece minha cara	

que Orestes sam, senhora.

ELECHA O liberdade tam clara da tristeza que em mi mora.

Em teu nome me dizer

nam foy mais que me liurar
da morte, que ey de morrer,
a qual me vinha buscar,
por eu a tua saber.

Ja a tua cara bem vejo,
possome chamar ditosa,
pois se comprio meu desejo:
ja minha vida chorosa
toma prazer e despejo.

O poderoso senhor, 375
que o justo demandar
concedes ao pecador,
e de ti desconfiar

	he muy iniquo error.	
	O tanto alegre dia,	376
	que noite triste e escura	
	pouco ha me parecia,	
	em meus annos tal ventura	
	por memoria ficaria.	
	Parece que este prazer	377
	auia de ser tam grande,	
	tal que ouuesse mester	
	que ho coração de si mande	
	outros pera ho receber.	
	Amigas, que vos parece	378
	de minha fortuna boa.	
CLIMINES	Tua virtude a merece	
	com hũa real coroa,	
	que te a fortuna desse.	
	Empero tanta alegria	379
	nam des a entender a gente,	

	porque se descubriria,	
	ho que tam discretamente	
	encuberto se trazia.	
ELECHA	Como se pode encubrir,	380
	ho que de dentro nam cabe.	
ORESTES	Nam to ajam de sentir,	
	porque se se ysto sabe,	
	por morto me as de carpir.	
	Que se te virem prazer,	381
	ho qual tu com minha morte	
	sabem que nam podes ter,	
	serey sentido, de sorte	
	que me vejas fenecer.	
ELECHA	Posesteme tal temor,	382
	que farey ho que mandaes:	
	mas, yrmão, por meu amor	
	vos rogo que me digaes,	
	de vossa vida ho que for.	

ORESTES	Essa conta nam conuem	383
	que te de em tal lugar,	
	mas largo tempo nos vem	
	pera ta eu poder dar,	
	de meu mal e de meu bem.	
Ayo	Vos outros que assi trazeis	384
	esse corpo apresentar,	
	nos lugares que sabeis,	
	que ham de tomar pesar,	
	trazeyo, ja nam tardeis.	
	Porque com vossa tardança	385
	duuida minha embaixada.	
ORESTES	Irmãa, nam faças mudança:	
	mas por via semulada	
	chora com minha lembrança.	
ELECHA	Anday mensageiros ja,	386
	e esse corpo levay,	

onde gram prazer fara: yde presto, e tornay polla triste que assi esta.

Sua mãy vereis estar 387
alegre sobre seu corpo,
cousa bem pera notar,
que em ver ho filho morto
ella se aja de alegrar.
Ja deuem de ser chegados, 388

onde Clitennestra esta.

Temo nam sejam ventados

Nam ho quereram teus fados.

por algũa dita maa.

Ho teu grande desejar 389 de te veres ja vingada, gram temor te ha de dar.

ELECHA Dizes verdade prouada.

CLIMINES

ELECHA

CLIMINES

CLIMINES	Pois nam cesses teu chorar.	
ELECHA	O yrmão, ja estaras,	390
	onde eu ja esteuesse	
	assi morta, como estas,	
	porque meu sepulchro desse	
	a mãy, que taes obras faz.	
	Que justa cousa seria	391
	de hũa tal mãy estar,	
	onde os filhos ver queria.	
CLITENNESTRA	Gentes, vindeme ajudar,	
	que a morte diante via.	
ETHRA	Ouues, senhora, os brados	392
	que Clitennestra ja da,	
	de choro acompanhados.	
ELECHA	Claramente os ouço ca:	
	o como eram desejados.	
CLITENNESTRA	O como podes tirar,	393
		117

	Orestes, a mim a vida,	
	pois que em mim a foste achar.	
ELECHA	Como fora consomida	
	tendo tu tempo e lugar.	
CLITENNESTRA	O tredor, como ousaste,	394
	tirar sangue de meu peito,	
	donde tu leite tiraste,	
	deuendolhe ser sogeito,	
	pois com elle te criaste.	
ETHRA	No peito a tem ferido:	395
	cruel cousa he ouuila.	
ELECHA	Nam he espanto crecido	
	Orestes nelle ferila,	
	pois ho tem aborrecido.	
CLITENNESTRA	Pois que em os ceos nam ha,	396
	quem estorue esta maldade,	
	a vos furias deixo ca,	
	a vos furias deixo ca, que desta gram crueldade	

	me vingueis, pois mouro ja.	
ETHRA	O casa desuenturada,	397
	chea de mortes e brados,	
	de sangue toda banhada	
	daquelles desuenturados,	
	que a vida perdem a espada.	
ELECHA	Ex Orestes aqui vem,	398
	sangrenta a mão e punhal.	
ORESTES	Ja, Elecha, nam conuem	
	temer que te faça mal	
	tua mãy que ho pago tem.	
	Neste punhal podes ver	399
	sangue de seu coraçam.	
CLIMINES	O cousa pera temer,	
	que em cuydalo traz paixam,	
	e ho corpo faz tremer.	
ORESTES	Tu, Elecha, porque choras,	400
	pesate polla ventura,	

do que tenho feito agora: nam tomes disso tristura, mas prazer mostra de fora.

ELECHA	Orestes, nam choro eu	401
	a sua morte tam fera,	
	se nam porque a mereceo:	
	e tal exemplo nam dera	
	como ella de si deu.	
ETHRA	Senhores, que vem Egisto.	402
ELECHA	Escondete, yrmão, de sorte	
	que delle nam sejas visto,	
	pera que entrando, a morte	
	tu lhe des sendo peruisto.	
ORESTES	Pilades, vente comigo.	403
Egisto	Onde estam hūs estrangeiros,	
	que Phanoteo, meu amigo,	
	manda a mi por mensageiros	
	com Orestes, meu imigo.	

ELECHA	A mi deues preguntar,	404
	porque a mi soem primeiro	
	as mas nouas de chegar.	
Egisto	Pois viste este mensageiro,	
	e em que parte pode estar.	
ELECHA	Aqui hũ homẽ chegou,	405
	e que Orestes era morto	
	a Clitennestra contou:	
	e despois com ho triste corpo	
	dahy a pouco tornou.	
	E agora sua estada	406
	com Clitennestra sera,	
	que veras pouco penada:	
	mas de alegria tera	
	sua figura mudada.	
	Vay tu terlhe companhia,	407
	e eu ficarey chorando	

ho morto com agonia, muy triste vida tomando, que te sera alegria. Grande he teu contumaz, pois te nam das por vencida da fortuna, que te faz tanta guerra: e consomida	408
com ho choro ja estas.	400
se por vencida me dee.	409
Ja se te nam tomara em conta, pois assi he, tua inclinaçam tam maa.	
E logo em pago, da qual tu receberas tal vida, que se saiba quanto val, e quanto ha de ser temida hũa pessoa real.	410
	muy triste vida tomando, que te sera alegria. Grande he teu contumaz, pois te nam das por vencida da fortuna, que te faz tanta guerra: e consomida com ho choro ja estas. Forçada cousa sera, se por vencida me dee. Ja se te nam tomara em conta, pois assi he, tua inclinaçam tam maa. E logo em pago, da qual tu receberas tal vida, que se saiba quanto val, e quanto ha de ser temida

Vos, donas, mandai fazer,	411
que se nam veede a entrada	
desta porta, a quem quizer,	
porque todos sem mais nada	
este morto venham ver.	
Porque se vam apagando	412
os maos desejos, que auia	
ja contra mi, confiando	
que ho seu Orestes viria,	
e temeram ho meu mando.	
O casas, onde meus dias	413
eu passaua com temor	
e as noites de agonias,	
entrem com muyto feruor	
em vos outras alegrias.	
Vivirey muy descansado	414
nesta alegre morada,	

de meus imigos vingado, com a minha muito amada gozando ho real estado.

De armas ja nam he tempo,	415
se nam de prazer buscar,	
e muyto contentamento	
com Clitennestra tomar:	
yr quero a seu aposento.	
Quem he este demudado,	416
que tira de seu punhal:	
o triste, desuenturado,	
deue dauer algũ mal,	
que de sangue vem manchado.	

ORESTES	Assi merecem taes reis	417
	em ho seu ser recebidos.	
Egisto	De que maneira.	
ORESTES	Da que vereis.	

Egisto	O mancebos atreuidos,	
	ho castigo nam temeis,	
	que dos meus podeis auer.	418
ORESTES	Nam he teu, que he furtado.	
Egisto	O triste desuenturado,	
	bem vejo que estou em poder	
	de meu imigo prouado.	
	Agora acabo de ver,	419
	que da maneyra que vay,	
	tu Orestes deues ser:	
	da virtude de teu pay	
	memoria deuias de ter.	
ORESTES	Quanto elle foy milhor,	420
	tanto mais mereces morte.	
ELECHA	O yrmão, por meu amor,	
	que com animo muy forte	
	mates ja esse tredor.	

	Se de tua mãy matar	421
	algo cançado estauas,	
	dame ca esse punhal,	
	darlhe ey mil punhaladas,	
	sem hũ momento passar.	
ORESTES	Nam he este ho lugar,	422
	onde elle ha de morrer:	
	antes vamolo leuar,	
	onde nosso pay jouuer,	
	e sobre elle ho degolar.	
	Porque vendo esta vingança	423
	lhe seja a morte dobrada.	
EGISTO	Leuayme sem mais tardança,	
	que a hora limitada	
	de morrer muyto me cansa.	
ORESTES	Queremos atormentarte	424
	de tormento mais dobrado,	
	e hũ pouco assi deixarte,	

porque cuydes no estado, em que estas por mais matarte.

EGISTO	Tirayme presto a vida,	425
	pois que ma não quereis dar.	
ELECHA	Deuelhe ser concedida	
	a morte sem mais tardar,	
	que a tem bem merecida.	
	E tu, yrmão, nam lha negues,	426
	cumprelhe sua vontade	
	ho mais presto que poderes,	
	porque a aduersidade	
	nam nos tolha estes prazeres.	
	E assi nos te seguiremos	427
	indo de nosso espaço.	
ORESTES	Sem tardar logo leuemos:	
	tem, Pilades, desse braço,	
	e seu galardam lhe demos.	

EGISTO

428

Coroa e grande estado, laços que sois de morrer, ficay com ho laço armado dos outros a escarnecer, que comigo he acabado.

Fim.

Exortaçam do autor aos lectores.

Atenta agora, discreto lector, nestes que assi sua vida acabaram, e como tam cruamente pagaram ho que merecia seu grande error.

Atente agora todo gram senhor, pera⁴³ que ande bem acompanhado, que pollo⁴⁴ tirarem de ter seu estado lhe⁴⁵ perderam muy rijo ho amor.

Atente tambem toda sabia molher
a Clitennestra, que foy tam maluada,
a morte que ouue tam desastrada,
sem seu estado lhe a isso valer.
Procurem todas de gram amor ter
a seus maridos, e telos amados,
nam lhe aconteçam tam desastrados

casos, que aqui se podem bem ver.

Atentem tambem as nobres donzellas na grande virtude, que Elecha teue, como aqui nesta obra se escreue, seus choros, seus prantos, e suas querelas. Atentem tambem todas aquelas que a fortuna traz em balança, que se em Deos tem sua esperança, lhes da o remedio, que desejam ellas.

Fim.

Atente tambem todo sabio varam⁴⁶
na amizade tanto crecida
de Orestes e Pilades, que a sua vida
por elles quis por em tal condiçam:
tomem exemplo em esse, e veram
ho muy grande bem que he hũ amigo,
que sendo com este, em todo perigo,
consigo a pes juntos contino acharam.

A presente obra foy acabada de em nossa lingoagem se traduzir, a quinze de março, sem nada mentir, na era do parto da virgem sagrada, de mil e quinhentos, sem errar nada, e trinta e seis, falando verdade, no Porto, que he muy nobre cidade, e por Anrrique Ayres foy tresladada. Aqui fenece a Tragedia de Orestes tirada de Grego em lingoagem Portugues, e trouada. Foy impressa na muy nobre e sempre leal cidade de Lixboa per Germão Galhardo impressor⁴⁷ del Rey nosso senhor. Acabouse aos .vj. dias de Nouembro de mil e quinhentos e cincoenta e cinco annos.

Fim

³⁷ primeira] .j.

³⁸ terceira] .iij.

³⁹ Chrisothemis

⁴⁰ Clitemnestra

⁴¹ Crissotemis

⁴² Sétima] .vij.

⁴³ para

⁴⁴ polo

⁴⁵ lhe] he

 $^{^{46}}$ baram

⁴⁷ Impressor.

VARIANTES DO PALEÓTIPO

1	\sim	1
	1	descançe.
1,	ο,	aescançe.

2, 2, desoutra.

3, 3, 0 - Jo.

3, 5, nila.

5, 4, descançem.

7, 2, yrmaã.

9, 1, razam.

9, 2, may.

10, 3, faz] *leia-se* fez.

10, 4, desigoal.

13, 2, assy.

13, 4, polos.

14, 2, impresa.

17, 4, muita.

23, 3, descuidaram.

26, 5, desejoso] desejo.

28, 2, arca] cayxa.

55, 1, Jndo.

59, 3, aborrece.

64, 5, piedade.

66, 4, ordenados em vez de

ordenadas, por causa da

rima.

68, 2, muito.

68, 4, nam conheceo (?).

69, 5, deshumanos (?).

70, 1, affriçam, leia-se

afflicam.

71, 1, señora.

71, 5, terrible] leia-se

terriuel.

74, 2, desuara] desuaira (?).

74, 5, recebamos.

75. 1. Jrmãs.

- 29, 2, o.
- 29, 4, jr.
- 34, 4, sepuchro.
- 37, 4, lauors.
- 38, 5, pena.
- 39, 4, muita.
- 42, 1, may.
- 44, 2, abominable] leia-se
- abominavel.
- 44, 5, inefable] leia-se
- inefavel.
- 45, 2, vençedor.
- 46, 1, quẽ ofende.
- 47, 5, violencia (?),
- 102, 4, melhor.
- 105, 1, may.
- 105, 3, preualeçe.
- 106, 5, pertençem.
- 109, 1, may.

- 76, 1, melhor.
- 79, 1, melhor.
- 79, 3, pola.
- 86, 2, tes.
- 93, 1, Jdo.
- 94, 1, jrmaã.
- 95, 3, my.
- 97, 1, jrmão bis.
- 97, 5, pello.
- 98, 2, may.
- 98, 4, todo.
- 99, 1, o.
- 99. 2. $o o t\tilde{e}s$
- 99, 4, detes.
- 99, 5, ves.
- 100, 1, tes.
- 101, 2, o.
- 166, 5, yzento.
- 167, 2, teue] leia-se tiue.

- 109, 3, impidir.
- 110, 1, melhor.
- 112, 1, Di] *por* dize.
- 112, 5, conçerto.
- 113, 4, ha.
- 116, 2, desejada] he desejada (?).
- 116, 4, cumpre.
- 118, 2, jrmaã.
- 120, 3, ate [até (?).
- 121, 1, jrmaã.
- 122, 1, Chrissotemis.
- 122, 4, cudalo.
- 123, 1, deixar.
- 127, 5, vellas.
- 129, 1, jrmaã.
- 129, 2, para.
- 130, 1, para.
- 131, 2, sera.

- 167, 4, may.
- 168, 2, seguro.
- 169, 5, sepuntura.
- 170, 1, melhor.
- 170, 3, o.
- 172, 1, sei jllustres barões.
- 172, 2, hordenaram.
- 173, 4, bõas.
- 177, 1, seu] sem.
- 181, 4, compañia.
- 182, 5, cudar.
- 183, 3, arca] cayxa.
- 183, 4, piedade.
- 184, 1, Jsso.
- 186, 1, melhor.
- 187, 1, messageiro.
- 188, 4, dellas.
- 191, 5, tes.

- 134, 4, pelo.
- 136, 1, Jrmaã.
- 137, 4, ho] he (?).
- 138, 1, nam] na.
- 138, 3, não.
- 139, 3, honor] leia-se honrra.
- 142, 1, Jrmaã.
- 143, 3, que lhe] he lhe (?).
- 144, 1, velão.
- 145, 4, deixa.
- 145, 5, descuidar.
- 147, 1, may.
- 147, 4, mereçedora.
- 153, 2, muito.
- 156, 4, cercado.
- 156, 5, apartado.
- 160, 3, asinalado.
- 163, 2, para.
- 163, 3, piedade.

- 196, 2, paresce.
- 196, 4, floreçe.
- 198, 2, ha.
- 199, 4, instante] estante.
- 206, 3, vsou.
- 208, 1, o.
- 212, 1, piedade.
- 213, 3, vntadas.
- 214, 5, pello.
- 216, 1, arca] cayxa.
- 221, 5, furtuna.
- 223, 3, tam] tem (?).
- 225, 4, viste] veste (?).
- 231, 1, pares] paras (?).
- 232, 1, eles.
- 232, 5, o.
- 234, 1, sosega bis.
- 234, 4, imprēsões.
- 236, 4, heredeiro.

- 164, 4, alegria.
- 244, 3, menhã.
- 249, 2, se] so (?).
- 249, 3, o.
- 249, 4, feneçeo.
- 250, 1, Crissotemis.
- 250, 4, escutar.
- 253, 2, o.
- 258, 2, exelentes.
- 259, 1, não.
- 260, 1, diuera.
- 260, 4, dannos] dãnoo.
- 262, 2, compañia.
- 262, 5, consolados.
- 264, 5, varam.
- 265, 5, polo.
- 266, 5, ensejo] asejo.
- 267, 1, nam (?).
- 270, 4, vão.

- 240, 3, jrmaã.
- 240, 5, em] em.
- 241, 1, jrmã.
- 244, 1, jrmã.
- 306, 4, my.
- 307, 5, mays.
- 310, 2, enceso.
- 311, 1, Jrmaã.
- 311, 5, may.
- 313, 5, yrmã.
- 315, 4, morres.
- 315, 4, cuidamos.
- 316, 3, nele.
- 316, 5, o.
- 318, 3, o.
- 318, 5, o.
- 323, 5, para.
- 326, 3, arca] cayxa deçer.
- 328, 5, fremosura.

- 270, 5, seguramenre.
- 271, 1, porfiar] perfiar (?).
- 271, 2, pello.
- 275, 2, isso.
- 276, 3, boluesse.
- 279, 4, çedo.
- 281, 1, pelo.
- 281, 3, o mezquinho.
- 282, 3, Ephigenia.
- 283, 1, o.
- 283, 3, o.
- 284, 5, a sacrificaram] sa acrificaram.
- 288, 1, isto.
- 288, 5, melhor.
- 291, 5, escutar.
- 292, 2, aluide.
- 292, 5, o.
- 293, 4, Ephigenia.

- 329, 2, ves.
- 330, 2, ves.
- 331, 5, boara.
- 335, 3, o.
- 338, 1, jr.
- 338, 5, ty.
- 340, 1, affriçam, leia-se
- affliçam.
- 340, 2, deixes.
- 340, 3, jrmão.
- 341, 3, deixam.
- 347, 2, memoroa.
- 347, 3, jrmão.
- 347, 4, mãy.
- 349, 2, jrmão.
- 351, 2, bes.
- 352, 1, assy.
- 352, 2, piedade.
- 353, 1, tes.

- 294, 1, isto.
- 294, 3, baldon.
- 294, 5, viage.
- 295, 5, Ephigenia.
- 296, 1, bõa.
- 300, 5, hordenar.
- 302, 3, melhor.
- 304, 3, injurias.
- 372, 4, libertade.
- 379, 4, o.
- 380, 4, isto.
- 382, 3, jrmão.
- 385, 3, jrmaã.
- 387, 1, may.
- 387, 2, allegre.
- 389, 1, ho] o.
- 390, 1, jrmão.
- 390, 5, may.
- 391, 2, may.

- 354, 3, conheçes.
- 354, 4, piedade.
- 355, 3, memora.
- 358, 4, ençerram.
- 359, 3, para.
- 360, 3, manifestada.
- 362, 5, para.
- 365, 2, piedade.
- 365, 1, deixame.
- 369, 2, o.
- 371, 5, troxesse.
- 415, 3, muito.
- 415, 5, ir
- 417, 1, assy.
- 417, 4, atrauidos.
- 419, 2, meneira.
- 420, 1, melhor.
- 420, 3, jrmão.
- 423, 3, leuaime.

395, 4, ferilla.

398, 5, may.

402, 2, jrmão.

409, 2, dee] de.

412, 5, o.

423, 5, muito.

425, 1, tiraime. 426, 3, o.

TERMINOU A IMPRESSÃO

Aos 20 de Maio de mil novecentos e dezóito

NOS PRELOS DA

IMPRENSA NACIONAL DE LISBOA

ISBN: 978-1-300-83349-9